

### 3

## Celestino

### Uma história de Camila Justino Salazar

#### 3.1

##### Livro dois

##### 3.1.1

##### Capítulo I

Uma mão está prestes a fechar a porta quando Celestino consegue dizer:

— Mãe?

Passa um, passa outro e mais outro, um pelo outro deixando se encostarem uns aos outros. Partes de uns misturadas às partes de outro formando uma grande e única massa humana. Braços e pontas de dedos, seios. São vários. Meninos, meninas, ou quase homens, quase mulheres exprimidos entre a fumaça do canhão que se espalha pelo ambiente. A luz cada hora de uma cor: amarela, roxa. De repente, para e pisca. O globo no centro formado de pequenos quadrados de espelhos. Ninguém vê nada. Os sorrisos ficam fluorescentes, pelinhos de roupas, tecidos, alças, a barra do vestido. Tudo exageradamente branco no quarto escuro e mais luzes que aparecem, mas não iluminam. O som penetra os corações, os corações pulam e penetram no ambiente entre línguas derretidas e misturadas, coxas apalpadadas, copos derramados e gritaria no balcão abarrotado e na urina que não consegue chegar a tempo.

— Celestino, hoje você tá armado!

— Dá licença, cara! — Celestino chega com a mão cheia de bebidas energéticas. O garçom atrás com uma bandeja, balde com gelo, garrafa de vodca Absolut.

— E aí? Preparados? — Cambaleava segurando um copo na mão.

E sabiam que dali para frente poderiam escolher mulheres, poderiam nem escolher, elas apareceriam, era sempre assim. Não era uma questão apenas de selecionar as mais bonitas. Não que era questão de nada além de uma única razão para aquele encontro que já estava quase se tornando rotina nos fins de semana: eles queriam zoar.

Quase sempre saíam do lugar com alguém que nem eram capazes de lembrar a fisionomia. No dia seguinte faziam suposições, riam, “E você viu o que o Celestino falou para aquela menina? Como é que era mesmo? Disse que estava com hemorroida.” E caíam de rir.

Nessa noite alguma coisa do tipo está previsto para acontecer. Competição de quem bebe mais rápido e quem tem coragem de chegar naquela de vestido apertado. Se ela, por acaso, começasse com muita conversa, dariam um jeito, Celestino diria outra vez que estava com hemorroida, quando perguntam que faculdade está fazendo e onde mora. Tem vontade de sair logo, coça a cabeça, olha de um lado para o outro, mas nesse meio tempo de tédio e impaciência consegue penetrar os olhos da menina com tanta intensidade em tantos poucos segundos. Depois, com cara de sonso, perde seus olhos no espaço e volta Celestino com ar de adolescente, foge do encontro de olhares e diz quem sente dor nas suas hemorroidas.

Nessa noite alguma coisa do tipo está prevista para acontecer. Uma noite diferente das outras, mas igual e tão igual pela sucessão de tantos fatos idênticos acontecerem: meninas bêbadas chorando pelos cantos, outras tentando berrar alguma coisa nos ouvidos dos meninos que tentam logo beijá-las. Alguns conseguem, outros não. Levam toco.

E alguma coisa está prevista para acontecer, quando Celestino ouve gritos diferentes que não são pedidos de mais drinks para o bartender. Não, dessa vez é um tumulto diferente. Nem deu tempo para falar de hemorroidas. Sente um puxão e nem sabe de onde e nem como reage ao primeiro impulso que se reflete no ar e acaba por acertar o queixo de alguém que estava à sua diagonal tentando lambuzar o pescoço da menina. E nessa hora as luzes todas se acendem.

A mão que estava prestes a fechar a porta congela no meio do movimento. A figura da mãe aparece na frente de toda a luz do dia que está atrás dela.

— Você está bem, Celestino?

— Hum?

“O que aconteceu, meu filho?”, ela se aproxima e percebe que, mesmo com o rosto machucado, o filho continuava com uma beleza singela que desmontava toda sua cara de menino arrogante. Talvez ele ficasse ainda mais bonito. Beleza resistente e imponente.

“Não sei direito.” Se enrola no lençol. Barulhinho de ar condicionado.

“Estamos indo assistir a luta do Jackson.” A mãe verifica o machucado no olho que estende pela bochecha dos filhos.

— É hoje?

— Estamos saindo em meia hora. Precisa lavar esse rosto, meu filho.

— Eu acho que não vou com vocês.

— Assim, você terá tempo suficiente para pensar. Depois conversamos.

A mãe beija o rosto do filho e desliga o ar condicionado.

Fecha a porta deixando no quarto Celestino de rosto machucado.

Desde pequeno assim. Celestino foi o menino que caiu da árvore e quebrou o braço, depois mais uma vez quando andava de bicicleta. O menino que conseguiu agarrar alguma coisa de tal maneira na boca que só indo ao dentista para verificar o problema do choro e dor: era um fiapo de manga que, de forma extraordinária, havia se prendido nos dentes, deixando a gengiva inflamada. “Isso acontece, mas é um pouco raro. Geralmente sai com a escovação”, assim os pais estavam acostumados a ouvir de médicos, professores ou orientadores sobre a exceção que calhava sempre sobre o menino.

Celestino era a margem pequena das estatísticas que se preocupam com índice de acidentes com crianças. Parece que todo momento que Celestino vivia devia ser acompanhado de uma outra experiência a mais que outras crianças não precisariam viver. Assim foi quando se engasgou com o pedaço de maçã e XXX. Ele era o menino mais arranhado, as canelas sempre roxas. Os pais pediam cuidado, mas Celestino se esparramava para além de si. Não por pouco cuidado dos pais que o amavam, o regravam e, a cada dia que passava, desconfiavam de alguma conjunção misteriosa que acompanhava Celestino desde o berço. Agradeciam esses instantes que não passavam de sustos, alguns mais longos, outros mais curtos.

Celestino não ultrapassava a linha que o colocava em perigo. Era um quase momento. Sempre escapava e conseguia como consequência um marca da casquinha da catapora arrancada, o gesso da queda, ou a febre da tanta dor que sentia com o pedaço de manga agarrado na boca. Poderia ter quebrado a costela, poderia não ter resistido, poderia ter sido, sempre, bem mais grave. Ao mesmo tempo, pairava aquela sombra de dúvida escondida no canto de todo pai. Em silêncio, espreitavam a diferença dos episódios que nunca havia acontecido com a irmã mais velha quando criança. Celestino sempre caiu mais, escorregou mais,

para ele nada passava sem que sentisse ao menos um fiapo de dor física. Não era por ser mais levado. Era obediente e, quando desobediente na medida certa de toda criança, berrava. Mas obedecia. Possuía uma natureza que não compreendia bem até onde seu corpo podia ir.

Os anos foram passando e sua natureza expansiva foi conquistando seguidores na escola. Celestino arisco tinha certas coragens no dizer. Seus cabelos foram ficando mais grossos, os olhos maiores. Se antes seu corpo esbarrava para fora de si, agora com as palavras também experimentava novas fronteiras dizendo vontades soltas, dizendo “Está tudo um tédio!” Ele queria alguma coisa excepcional para a vida e dizia solto na escola para quem estava perto: “Vamos fazer alguma coisa que não seja apenas dizer sim para esse sistema. Senão a gente fica que nem eles, uns babacas!” E mesmo sem os colegas saberem o que era o sistema e quem eram os babacas desse mundo, acabavam chegando à conclusão de que Celestino só podia estar certo. “Sim, esse sistema não presta. Todos nesse mundo são uns babacas!” E os meninos e meninas da classe adoravam aquela ideologia celestiana. Era preciso dizer não, parar com essa história de abaixar a cabeça. E acabavam se rebelando contra os pais.

Apesar do trabalho incansável dos pais, não foi possível domá-lo. Celestino estava tão corpulento, tão certo quanto à babaquice do mundo que era difícil continuar qualquer tentativa, seja de amor ou de rigor, contra suas atitudes impulsivas. O filho crescia e não era mais possível envolvê-lo com qualquer manto de proteção material. Seus pais passavam longas horas conversando e só depois de muitos anos conseguiram entender o que se passava com o filho.

Tinha sido há exatos três anos aquela noite navalha, onde tudo o que beira o abismo invadiu a casa da família. O entendimento dos pais se deu num sufoco desesperado.

Celestino estava no carro desgovernado que atingiu a árvore e que nos dias seguintes estampava as páginas do jornal com detalhes e fotos sobre o acidente que matou quatro jovens embriagados, menos Celestino que se encontrava no banco de trás sem o cinto de segurança.

E foi a gota d'água que faltava para os pais começarem uma busca incansável para compreenderem o universo particular de Celestino que conseguia interferir no percurso de todos aqueles que o cruzavam. Passar por Celestino é

tentador e assustador. Ou seriam os outros o enigma que interferiam o destino de Celestino?

### 3.1.2 Capítulo II

A mãe, o pai e a irmã mais velha já estavam no carro quando Celestino com seus vinte e um anos e a cara arrebatada chegou desgovernado e ofegante. Os pais, sem mencionarem palavras, esperaram o filho que carregava também uma mochila nas costas.

“Vocês iam ver o Jackson e não iam tirar foto?” Entrou no carro com a respiração ofegante e como sempre exalando vento confuso que saía das suas narinas, Celestino como rachadura de momentos.

A irmã deu um abraço no irmão com um sorriso no canto da boca.

— O que foi dessa vez, Cel?

— Ah, um babaca na boate. Não fiz nada. Ele que me acertou, só reagi.

— É impressionante como você consegue está cercado de babacas! —

Reagiu a irmã.

— Ei, vocês dois. Vamos acalmando os ânimos! — disse a mãe.

A conversa que se seguiu até a favela Do Galo foi envolvida com toda calma que os pais e a irmã inventavam. O pai sempre soubera guardar as palavras para expressá-las no momento mais oportuno. Possuía a habilidade do autocontrole. Mesmo que Celestino conseguisse perfurar sua expressão suave, persistia nas suas intenções: não cair no jogo instintivo do filho. Para a família, é um exercício difícil manobrar os sentimentos e arrombamentos que o menino desperta. Por que, Celestino? Por quê? Se perguntavam enquanto disfarçavam palavras.

Nesse dia tranquilo de domingo, iam assistir o primeiro campeonato de MuayThai na favela Do Galo e Jackson era um dos atletas competidores. Jackson é um menino magricela de 14 anos que já quis ser bombeiro e jogador de futebol. Desde que começou as aulas de MuayThai, passou a se imaginar um lutador vencedor, ganhando uma medalha em cima do pódio. Conheceu a família de Celestino quando trabalhava como guardador de carro na praça Drummond, perto da casa onde mora toda a família de Celestino: quatro pessoas e um gato chamado Nino.

A casa da família Waka é famosa no bairro por abrir suas portas durante os almoços diários que a cozinheira prepara para todos os moradores e passantes da vizinhança. Mesmo que o grupo varie, existem os frequentadores assíduos como o casal Marcos e João, do prédio 498, os porteiros Inácio e Edivaldo, dos prédios número 505 e 516, que levam sempre algum pintor ou bombeiro que está de serviço em algum apartamento. Leny, uma senhora de aproximadamente 68 anos do prédio 492, também sempre vai acompanhada de alguma amiga viúva assim como ela. A partir de meio dia, a esplendorosa casa branca número 333 da Rua XXX abre suas portas para os convidados. Não há quem passe e não sinta o cheiro das delícias ali feitas e ofertadas gratuitamente para quem tenha tempo de se juntar à grande mesa da varanda do primeiro andar que possui 24 lugares.

Jackson foi um dos convidados para almoçar na residência Waka e, depois de boa conversa, o menino mostrou curiosidade viva e ideias tão bem formuladas a respeito da vida que os pais de Celestino fizeram a proposta de almoço garantido todos os dias desde que ele frequentasse a escola e prestasse obediência à mãe, que morava na favela Do Galo e que mal conseguia administrar sua própria vida além dos outros quatro filhos. Os pais queriam garantir também a certeza de que Jackson estava dormindo em casa com a mãe todos os dias. Os pais de Celestino sabiam que, com frequência, alguns meninos se juntavam em grandes bandos e passavam as noites fora de casa mendigando pelas ruas em troca de alguma esmola. Quando juntos em um grupo, se sentiam mais familiarizados do que em seus próprios barracos amontoados na favela. À medida que os dias passavam e a frequência da presença de Jackson na residência dos Waka ia aumentando, os laços de afetividade iam tomando maiores proporções. O menino ficava mais e mais seguro em relação aos seus sonhos e vontades, mesmo que esses se alterassem semanalmente. Um dia gostava de uma menina, no outro a achava insuportável, em outro dia queria ser goleiro, no outro queria fazer parte de uma banda de pagode. Todos os sintomas de uma adolescência equilibrada e saudável começavam a se desabrochar em Jackson e isso era um ótimo sinal. O casal Waka dormia mais tranquilo sabendo que, de alguma forma, podiam colaborar com o crescimento de Jackson.

O menino estava se saindo bem na escola e pouco a pouco a família Waka negociava com a mãe de Jackson uma forma de liberar o menino durante a semana para atividades que diziam respeito à escola, artes, esporte. Além de

dedicações em sua casa na favela Do Galo e também na residência Waka, como ajudar sua mãe no preparo do jantar e, nos Waka, ser ajudante do jardineiro na hortadurante a semana.

Levava para sua casa na favela Do Galo legumes e verduras frescas. A mãe do Celestino garantia uma colaboração com grãos e carne.

Dessa forma, seu trabalho como guardador de carro se restringia agora apenas aos fins de semana, o que fazia sobrar tempo para as atividades extras que os pais de Celestino ofereciam para o menino. Fez aula de teatro, natação e, depois de ter desistido de todas essas atividades, estava decidido a se tornar campeão de MuayThai.

As aulas de MuayThai começaram a ser oferecidas por um morador da comunidade Do Galo que durante o dia é pedreiro e à noite reúne no terraço de uma creche da favela cerca de quarenta jovens para oferecer noções básicas da luta oriental. Aos poucos os meninos foram vendo o professor como um herói. Esse que durante o dia é apenas mais um homem uniformizado em meio a uma imponente e gigantesca estrutura de concreto, revela-se à noite um mestre sábio que, em algum momento da vida, quase conseguiu alcançar seu sonho, mas que de alguma forma escapou pela delicada teia da vida.

A condição para os meninos frequentarem as aulas é a mesma que os pais de Celestino impuseram ao Jackson: obediência aos pais e frequência na escola. O professor viu com o tempo mães se proliferarem ao seu redor para elogiar a melhora de comportamento dos filhos dentro de casa. O esporte dava aos meninos a oportunidade de exteriorizarem toda fúria típica de adolescente com autoconhecimento e disciplina.

Apesar da dificuldade do professor em conseguir material adequado para praticar o esporte, a mãe de Celestino se empenhou em conseguir energicamente quarenta madrinhas e padrinhos para investir nos jovens lutadores. Em pouco tempo conseguiram atadura, manopla, protetor bucal, aparador de chute, tatame e todo o material técnico para que os meninos tivessem condições para se profissionalizarem e participarem de campeonatos.

Depois de um ano de treino, conseguiram organizar o primeiro campeonato de MuayThai na favela Do Galo com a presença de todos os padrinhos e madrinhas. A mãe de Celestino não se importava em ter que providenciar todo o aparato necessário para um campeonato quase profissional. Ringue, ambulância,

juiz, locutor. Nem ginásio apropriado, a comunidade tinha, mas, com muitas ligações e a influência necessária, conseguiu montar um esquema digno de noticiário de jornal. Era preciso muitas ligações e checklists para tornar real o sonho de quarenta meninos que estavam se tornando jovens felizes e responsáveis pela prática do esporte. Assim pensava e assim se tornava imbatível com suas decisões. Sua energia era incansável e multiplicadora. Ajudar dá trabalho. Ah e como dá trabalho! Mas ela era teimosa e destemida. Conseguia distribuir responsabilidades para todos que a cercavam. “Se não fizermos agora, não teremos mais tempo depois. Precisamos trabalhar em vez de esperar que trabalhem para nossa cidade.”

E foi com derivações dessas frases que conseguiu reunir mais de cento e cinquenta convidados, a maioria cidadãos afortunados de bens materiais, em cima do morro Do Galo. Amigos, conhecidos e padrinhos e madrinhas do grupo de lutadores de MuayThai da favela Do Galo. Os moradores da comunidade e familiares dos jovens se aglomeraram na grande quadra esportiva localizada no centro do morro para ver as habilidades dos meninos que demonstravam nervosismo e orgulho misturados.

E no meio de família de moradores e lutadores e curiosos, gritos e burburinhos. Uns sentiam uma emoção de receber tanta gente tão perto de seus barracos, outros se sentiam nervosos, alguns patrões estavam ali para assistir o mesmo evento. A mãe do Jackson com seus oito filhos, olhos de olheiras, mas ao mesmo tempo orgulhosa. Nervosismo de encontro com os que de fora chegaram. A mãe de Celestino a abraçava, ao mesmo tempo cumprimentava os convidados que iam se sentando na arquibancada que montaram no meio do morro ao ar livre. Pipoca, tapioca e pururuca, todos misturados aguardando o apito que anuncia a primeira partida. Na arquibancada, gente. Celestino, sem olhar de estrangeiro, com naturalidade e olho roxo, ia passando no meio daquela gente para tirar fotos, ao mesmo tempo acenava para Jackson.

A mãe de Celestino, o pai e sua irmã mais velha pareciam, inclusive, que tinham esquecido o objetivo real daquele grande campeonato de MuayThai. Tinham conseguido vencer mais um desafio e faziam exclusivamente por Celestino. O menino nem desconfiava.

### 3.1.3 Capítulo III

A casa da família Waka pode ser considerada uma exceção no famoso bairro de Lourdes, área nobre da cidade. Em meio a prédios, surge com sua estrutura branca e delicada, a residência de janelas largas cor laranja e cercada de um muro de tijolos vermelhos. As plantas ali cultivadas provocam todo o aroma da rua, XXXXX, XXXXX e XXXX fazem parte do jardim frontal e logo atrás da residência possuem plantação de temperos, mais algumas verduras e legumes, sem esquecer dos tomates e maracujás. Tudo bem organizado e orquestrado pelo jardineiro que orienta os voluntários sobre como cuidar da necessidade de cada planta naquele lugar.

A família Waka poderia ser considerada um tipo de família peculiar naquela grande cidade. Além de abrirem as portas de sua residência todos os dias para o almoço, adotaram outros hábitos com o passar dos anos, como o uso de carros que era restrito apenas aos fins de semana. Fizesse chuva ou sol, era proibido na família usar carros por qualquer motivo que fosse durante a semana.

O hábito fez com que a família, no início, entrasse em certo conflito porque muitas vezes poderia ser tão mais prático se o pai de Celestino levasse a filha mais velha para a casa da amiga de carro. Mas não havia exceções: ou iam de ônibus ou a pé. Táxi de vez em quando. Não importava o motivo, a ocasião: “Desse jeito não há como melhorar o trânsito da cidade. Precisamos ser conscientes.” Assim prosseguia a mãe. E como sempre seguia com suas explicações um tanto previsíveis naquela família: “Se não começarmos, quem vai começar?”.

Celestino berrava e provocava: “Eu não entendo como podemos ser tão idiotas. Ninguém liga para o trânsito da cidade, por que a gente é que deve se preocupar?!” E saía batendo todas as portas da casa.

Mas os pais não se incomodavam. Celestino só soltava faíscas durante um tempo e, apesar de todas as reclamações de adolescente sem causa, depois de um certo tempo trancado no quarto, conseguia ultrapassar seu orgulho e pedir desculpas para os pais.

Celestino é terrivelmente carinhoso, o que faz as pessoas que o cercam passearem aceleradamente por uma montanha russa de sentimentos. Não é possível prosseguir com uma mesma intenção durante muito tempo ao lado de

Celestino. O amor pode virar raiva, a raiva pode virar compaixão em questão de segundos.

À medida que Celestino ia sofrendo acidentes domésticos, a família tentava adequar em sua rotina um novo hábito e, quando ocorreu o acidente de carro, decidiram definitivamente abrir as portas da casa para os almoços. Ficou determinado também que a família se revezaria ao que chamavam de dedicação doméstica. Apesar de faxineira e cozinheira irem todos os dias prestar serviços na casa, todos deveriam se dedicar semanalmente à limpeza de alguma parte da casa que não recebia atenção diariamente.

A estante dos livros não era limpa diariamente e, por isso, um dos filhos poderia escolhê-la para sua dedicação doméstica. Os armários da cozinha com suas panelas, os armários dos banheiros, os armários dos quartos, a grande parede de espelho da sala, a estante da garagem e todas essas partes embutidas da casa que muitas vezes nos passam despercebidas. Apesar de participarem ativamente do cotidiano e, apenas depois de um tempo, por algum motivo, chega-se à conclusão de que é preciso limpar, de que faz muito tempo que o armário não é esvaziado para limpeza. Pois na casa dos Waka todas essas partes da casa devem ser lembradas e limpas pelos próprios membros da família. O quarto de cada um é arrumado diariamente pelo seu proprietário, porque está na parte das obrigações diárias como arrumar cama, não deixar roupa espalhada, não deixar copo vazio dormir no quarto e não deixar sapatos esquecidos pelos corredores. Toda essa organização agrada muito a faxineira que sempre encontra uma casa organizada para limpar.

A casa dos Waka é tão luminosa com suas janelas abertas e seus moradores são tão gentis que todos que prestam serviços para a família se sentem sortudos por encontrarem na vida pessoas tão generosas e educadas.

As compras da casa e a manutenção do jardim são dedicações revezadas entre os pais e filhos. É bom deixar claro que essa manutenção é sempre orquestrada por algum funcionário que indica “o que é preciso comprar para ter na dispensa” e “quais as plantas que precisam ser podadas em determinada época”. O casal Waka se divide e carrega um filho ou para fazer as compras no supermercado ou para dedicar horas no jardim da casa com o jardineiro que orienta as atividades.

Dessa forma, pais e filhos sabem exatamente como funciona o organismo da casa, sua manutenção é acompanhada cuidadosamente por cada um dos membros da família e orientada por algum funcionário que se sente muito orgulhoso de orientar os passos necessários para o esplendor da residência dos Waka.

Algumas atividades, como o cuidado com a horta, contam com voluntários como o Jackson e o casal Marcos e João, que sempre almoçam na casa da família e encontraram na dedicação à horta uma boa forma de recompensar a gentileza dos Waka. Os porteiros Inácio e Araújo também sempre dão as caras oferecendo algum serviço. Fazem questão de acompanhar o crescimento dos tomates que depois serão ingeridos por eles próprios.

Nesse ritmo interiorano vive a família Waka rondada por um semblante tão luminoso, assim como seus frequentadores parecem estar sempre tão satisfeitos, como se aquele universo fosse um pedaço intacto de harmonia numa cidade desenfreada de afazeres apressados.

Não fossem as notícias desastrosas que sempre acompanhavam Celestino relembando essa comunidade familiar sobre o mundo de fora.

### 3.1.4

## Capítulo IV

Celestino escolheu fazer faculdade de administração. Foi uma dessa decisões tomadas por consequência de desespero. O menino até sugeriu fazer uma viagem de mochilão na Europa, ficaria seis meses e amadureceria alguma ideia a respeito do que escolheria como profissão. Apesar de ter pais liberais e atenciosos com as necessidades dos filhos, não teve permissão de viajar sozinho. Toda a coragem dos pais se reduziu aos farelos. Como permitiriam Celestino ficar tanto tempo longe de casa? Não permitiram a viagem por medo bem justificado, por razões plausíveis. Logo Celestino, sozinho? Deram voltas, inventaram desculpas e acabaram por dizer “não” para o filho. O acidente de carro havia acontecido um pouco antes de Celestino terminar o segundo grau e para os pais o momento estava tão fora de alcance que não podiam visualizar o filho viajando sozinho. Não depois de Celestino ter sido o único sobrevivente: foram dois meninos e duas meninas que não resistiram. Celestino estava no meio do banco de trás e sem cinto e, se não fosse um daqueles pais que tivesse permitido... E foram todos pensamentos involuntários que os pais jamais deixaram de se perguntar.

Os pais de Celestino pensaram e não sabiam mais o que pensar. Celestino demorou certo tempo para começar a sair de casa, a atender o telefone, e foi nessa ocasião que pediu para os pais uma viagem, uma viagem para pensar e refletir, uma viagem para decidir sobre a vida.

A mãe nervosa disse que não havia mais tempo para Celestino pensar e escolher. Afinal, o que ele estava pensando? Estava na hora de ser responsável. “Está na hora de se assumir como homem, Celestino!”

Celestino escolheu então a faculdade de administração e aos poucos foi recuperando sua aptidão natural, o dom de socializar-se, o dom de formar grupos. O passado formou uma névoa distante. Ele começou a beber, começou a sair e a frequentar festas com os novos amigos da universidade. Celestino voltou a ser arisco como sempre, tudo nele selvagem, as meninas corriam atrás. O menino só queria saber de experimentar.

Os pais se sacrificavam para deixar Celestino levar uma vida normal dentro dos limites. Quando criança, estava envolto pelas decisões tomadas por eles, agora não havia como. Celestino precisava decidir por si próprio. O filho ia crescendo e sua subjetividade ia se manifestando cada vez mais distante dos pais, nas salas de aulas, nos corredores da faculdade, nas festas, na praia e nas ruas. Não havia mais ligação de professores ou de pais dos amiguinhos de Celestino falando sobre seu comportamento.

Precisavam aprender a cultivar a confiança e a domar o medo. Como pais, deviam aprender que a seu modo protegiam o filho.

O menino que já estampava gestos de homem e lábios agressivos manifestava prazer com a vida noturna da mesma forma que mostrava interesse em ajudar nas tarefas de casa. A mãe se perguntava em silêncio se o filho ajudava por causa das recompensas ou se encontrava realmente prazer pessoal nas atividades domésticas.

Celestino só não deixava de manifestar sua natureza impulsiva e um tanto arrogante. Resolvia limpar a garagem quando o combinado era cuidar da horta caseira. “Por que vocês são tão previsíveis?” E um dia resolveu dispensar a cozinheira para fazer ele próprio uma receita tirada da internet: galinha ensopada. Celestino e seus vinte e um anos.

Letícia, a irmã mais velha, possuía temperamento sereno e calmo. Queria fazer jus à sua posição de irmã mais velha mas, apesar do carinho que ambos

tinham um pelo outro, não eram capazes de fazer muitas atividades juntos, o irmão a provocava. Sempre queria fazer de um jeito diferente que a provocava, que a fazia sentir-se irmã caçula. Celestino despertava atração e impaciência.

Os dias seguiam na casa da família Waka, e estavam todos: moradores, passantes, funcionários e vizinhos comentando que Celestino havia levado um soco na cara dentro de uma boate, mas que por sorte nada de grave havia acontecido.

### 3.1.5 Capítulo V

Celestino foi chamado no escritório. O rapaz já sabia que no final da tarde seria chamado por seu pai que lhe daria recomendações. Toda a névoa do passado que Celestino parecia ter esquecido voltava a ocupar com densidade sua alma. Era preciso mais uma vez se lembrar que o passado permanecia e pairava. Aquele dia, há três anos, parecia recuperar sua fragilidade escorregadia. Era quando deveria se preparar para ir ao cemitério levar arranjos de flores para seus quatro colegas falecidos no acidente.

O pai estava sentado sobre a poltrona do escritório terminando alguma conversa referente aos negócios da família. Quando viu o filho, fez um gesto para que se sentasse. Celestino ignorou o aceno e ficou passeando no escritório, pegou livro na prateleira e colocou de volta, pegou mais outro e achou desinteressante, estava entediado. Por fim, acabou encontrando o gato Nino debaixo da mesa onde o pai se encontrava. Abaixou-se para pegá-lo, mas o gato miou forte e saiu correndo.

— Mas você está chato hoje, Nino! — disse Celestino baixinho enquanto ouvia o pai se despedir com a voz que estava do outro lado da linha de telefone.

— Você não acha que o Nino está esquisito, pai? Ele fugiu de mim! — O gato arisco e rabugento saltou sobre a mesa e foi se afogar numa almofada macia que ficava em cima de uma poltrona que havia no escritório.

— Celestino, quando eu estiver falando no telefone eu não quero você brincando com gato debaixo da mesa, me atrapalha.

— Ah, foi mal, pai. Mas você que mandou me chamar. Podia ter me chamado depois.

O pai respirou fundo, fechou os olhos por um intervalo de segundo repetindo aquele enigmático movimento facial. Seria alguma espécie de preparação para as palavras que sairiam de sua boca? Celestino reparava nos olhos puxados do pai, aqueles olhos que causavam risos quando criança, “Mãe, porque o papai parece que está dormindo quando está de olho aberto?” Depois, mais velho, aprendeu a ter medo desses mesmos olhos. Olhos tão pequenos, quase dois riscos no rosto que nada deixavam escapar.

— Esse ano você deve ir sozinho, meu filho.

— Como posso carregar quatro arranjos de flores sozinho?

— Como você pode ter sido o único sobrevivente num acidente de carro que matou quatro pessoas?

— Desculpa. - Celestino quase se encolheu na poltrona. Queria fugir. Sempre quis fugir. Por que nunca fugiu?

— Você não deve pedir desculpas para mim.

— Devo pedir desculpas para quem?

— Você tem que evitar os pedidos de desculpas, Celestino.

— Mas errar é humano, pai!

— Não me interessa esse tipo de desculpas. Tudo o que acontece de horrível no mundo pode ser justificado por essa frase. Você não pode fugir de suas responsabilidades, meu filho.

— Mas eu faço tudo que vocês me pedem!

— Justamente aí. Não queremos pedir nem cobrar nada para você.

— Então o que eu tenho que fazer para um dia vocês ficarem satisfeitos comigo? Não tenho culpa do que acontece comigo! Por acaso eu estava dirigindo aquele carro? Por acaso esse soco que levei, você acha que provoquei briga? Eu não provooco nada e as coisas caem em cima de mim. Eu não tenho culpa, pai!

— Buscar culpados é tolice, Celestino. Quando é que vamos aprender a buscar o motivo das coisas que nos acontecem? Eu e sua mãe somos muito felizes por termos dois filhos. Vocês são maravilhosos.

— Então, qual é o problema comigo?

— Até hoje me pergunto... Todos os dias, Celestino. Será mesmo um problema? Você acha que tem algum problema?

— Não sei. Mas alguma coisa...

— Que alguma coisa?

— Não sei.

— De qualquer forma, todos temos uma “alguma coisa” e está na hora de você lidar com as “suas coisas” de forma um pouco mais séria.

— Mas, mesmo dizendo isso, vocês ainda me dizem o que fazer, como fazer...

— E eu e sua mãe não vemos a hora de não ter que dizer para você meu filho. Queremos que você tenha autonomia.

— Não deixaram eu viajar.

— Não achamos que era o momento, Celestino! Foi logo depois do acidente. Autonomia não é fazer o que quer na hora que bem entender. Ter autonomia é saber agir com liberdade e responsabilidade no momento certo.

— Que momento certo, pai? Que momento? Que coisas são essas que você está falando?

— Celestino— o pai repete aquele movimento facial enigmático.

Silêncio na sala.

— Eu tenho uma reunião agora. Estamos entendidos? Amanhã eu e sua mãe não vamos ao cemitério com vocês.

— Vou de táxi, tá?

— Pode ir de táxi. Agora desce que sua mãe está esperando você para preparar os arranjos.

Quando o filho ia saindo do escritório, o pai comentou:

— O Nino está realmente diferente hoje meu filho. Não é apenas com você. Fiquei tentando chamá-lo e ele saiu correndo.

### 3.1.6 Capítulo VI

O despertador do celular tocou e mais um dia anunciava sua chegada. Celestino queria mais cinco minutinhos para dormir. Só mais cinco minutinhos. Já ia colocar o celular para despertar um pouquinho mais tarde quando sua mãe abriu a porta de seu quarto:

— Ótimo, já está acordado. E, Celestino, desliga o ar condicionado. Ou você acha que a energia do planeta está sempre à sua disposição?

Celestino escondeu seu rosto debaixo do edredom mal humorado.

Sua mãe se aproximou e deu um beijo na sua testa.

— E, antes de qualquer coisa, bom dia, meu filho.

Celestino nem respondeu. Levantou amassado e foi fazendo todos os gestos mecânicos que as manhãs sempre exigiam. Desligar o ar condicionado, arrumar a cama, tomar banho, passar sabonete, passar xampu, se enxugar, pegar a cueca, colocar blusa, calça e meia, pegar a mochila, lembrar se tinha algum trabalho para ser entregue na faculdade, verificar se o *IPod* estava com bateria, tirar o celular do carregador. Todos os dias, de segunda a sexta, manhãs quase repetidas. E foi fazendo tudo o que sempre fazia, dessa vez com um pensamento diferente e provocativo que atrapalhava a engenharia simétrica dos afazeres diários. Hoje iria sozinho levar flores no cemitério.

Saiu do banho com a toalha enrolada, a fumaça do banho quente invadia o quarto. Dessa vez estava confuso até sobre qual roupa vestiria.

A porta se abriu e surgiu Jackson.

— Que está fazendo tão cedo aqui, moleque?

— Estou de férias, ué!

Celestino sabia que, de uma forma silenciosa, Jackson manifestava por ele um sentimento de irmão mais novo. Tudo que Celestino fazia era motivo de admiração do garoto e, por esses mesmos motivos, Celestino era capaz de implicar com Jackson como se ele fosse um irmão mais novo.

— E se eu fosse você aproveitava as férias para dormir mais.

— Eu também acho, Cel. Mas sua mãe pediu para eu chegar cedo. A gente vai comprar umas coisas.

— Que coisas? Minha mãe parece uma louca. Não sossega!— Enquanto procura alguma coisa sobre a cama.

— Eu também não sei o que é, só sei que ela quer minha ajuda. Quando é que você entra de férias?

— Amanhã. Nem acredito. Ah, achei!— Acha o celular que estava debaixo do travesseiro e vê se tem mensagem nova. Estava ajudando a organizar um churrasco de fim de período. — Eu quero combinar com você de a gente ir na prainha. Topa surfar?

— Topo! Quando?

— Não me enche de pergunta logo de manhã não, cara! Tá andando muito com minha mãe! — Celestino ri, e quando percebe que Jackson não expressa

nenhum sorriso, passa a mão no cabelo do menino como se fosse uma brincadeira de meninos e ao mesmo tempo um pedido de desculpa.

— Olha, Jackson, não sei. Mas a gente vai. Me ajuda aqui: com que blusa você iria num cemitério? Essa ou essa?

— Com essa. — Jackson apontou uma blusa laranja.

— Não é alegre demais para ir num cemitério?

— Mas as flores que você vai levar são alegres também.

— Boa, Jackson. Gostei do seu ponto de vista. Você é um cara esperto mesmo.— Veste a camisa ainda com a toalha enrolada sobre a cintura.

— Oi, bom dia, meninos, com licença, mas minha mãe está pedindo para a gente descer para tomar café da manhã. — Letícia colocou apenas o rosto para dentro do quarto.

— Bom dia Lê, estou bonito?

— Hum, diria que está razoável! — responde a irmã.

— Como é se vestir e ficar razoável? — pergunta Jackson.

— Razoável é a resposta de irmãs orgulhosas que não conseguem se expressar para dizer que seu irmão está foda de blusa laranja! — Riu Celestino.

— Ainda bem que existem irmãos que possuem a capacidade de analisar o que irmãs orgulhosasfalam.

Celestino vai ao banheiro colocar a bermuda. Nesse momento seu riso se desfaz.

— Tô descendo, tenho muito que fazer. Minha mãe pediu para você não demorar. — Letícia retira seu rosto de cena e bate a porta do quarto.

— Também te amo, Lê. - Gritou Celestino do banheiro.

— Só tem maluco aqui! — Jackson saiu do quarto e desceu atrás de Letícia.

Celestino coloca a bermuda e pendura a toalha no box. Se olha no espelho. Não sabe exatamente o que sente quando vê sua imagem refletida. Talvez não fosse o comentário das meninas que o cercam nem se acharia tão atraente. E quando o olham... e quando o olham: o que pensam? Celestino só sabe que sente um aperto, isso ninguém vê, nem o espelho mostra.

### 3.1.7

## Capítulo VII

Algumas horas depois de ter ido à faculdade, de ter fechado quem ia levar o que para o churrasco do fim de semana, de ter atualizado seu facebook, de ter checado algumas dezenas de vezes se havia postagem de um fulano aqui ou um fulano ali e de receber uma mensagem da garota que queria ficar com ele e depois de ter ido ao banheiro algumas vezes, um pouco de dor de barriga, finalmente se viu na frente de sua casa em pé e com quatro arranjos de flores dentro de uma caixa de papelão.

Enquanto o táxi não chegava, mais uma vez a dor de barriga o atacou e Celestino entrou pela segunda vez em casa para ir ao banheiro. Lavou o rosto com água gelada e não teria mais banheiro ou escapatória: o interfone tocou e o táxi chegou.

Dentro do táxi disse ao motorista que ia ao cemitério. Aquele cemitério que fica naquela rua. E o motorista seguiu cidade afora com uma pequena televisão ligada dentro do carro. Passava a novela e Celestino, atordoado consigo mesmo, segurava a caixa de papelão em seu colo.

A dor de barriga ia e voltava e nem sabia dizer se era dor de barriga ou não. Mas sua testa transpirava e a propaganda do supermercado que passava naquela pequena televisão parecia entrar em seus ouvidos ao mesmo tempo em que ouvia gritos, aqueles gritos abafados e para sempre silenciados. Depois daquela noite nunca mais tinha escutado gritos e apenas aquela televisão parecia gritar depois de tantos anos. Foram três anos. Ouvia gritos.

E se não fosse aquela noite talvez estivesse em outro lugar agora. Talvez tivesse conseguido beijar Lina mais uma vez. Estavam bêbados e nem beijos conseguiam mais dar. Mas Celestino sabia que no dia seguinte Lina estaria à sua espera com o celular debaixo do travesseiro só esperando para ouvir a voz dele. E, por isso, Celestino fez doce, talvez nem isso, talvez estivesse apenas e completamente bêbado.

E pediu para ela ir no banco da frente, “Vai na frente que vou aqui atrás”, e Celestino entrou no carro, ficou no meio, no centro do carro, enquanto Ronaldo ligava o som alto e Clara e Vitória, que iam ficando para trás, na saída da boate gritaram “Dá uma carona pra gente! Lina, já ia saindo indo sem a gente!” As meninas com risinho em meio aos tropeços foram andando até o carro. “Vêm ou

não vêm?”, gritou Ronaldo, “Não vou ficar esperando, não! Partiu suas molengas!” E ligou o carro enquanto Lina gritava: “Ah, deixa elas para lá! eu vou aí atrás com você, Cel.”

E Celestino, que ria e quase cochilava no meio de seu riso devido ao excesso de álcool, rosnava que já estava tudo certo: ela ia fazendo companhia ao Ronaldo porque ela era a melhorzinha de todo mundo e se Lina viesse com ele no banco de trás e Celestino se perdeu nas palavras. As portas do carro foram fechadas e iam os três, iam os três, mas Clara e Vitória chegaram finalmente no carro, “Ôôôuuu! Espera que a gente vai também.” E Ronaldo parou o carro: “Não sou motorista, não. Vem logo, então.” E os cinco juntos, cheios de intimidade, cheios de segredos não compartilhados, amigos de escola desde o primário, inseparáveis, mesmo que a todo momento os amigos da turma se renovassem. Eram inseparáveis de alguma forma, mas dali a poucos segundos, a poucos segundos não se sabe de mais nada.

O motorista do táxi comentava alguma coisa que Celestino desconhecia completamente e só voltou para uma aparente lucidez quando viu o muro de concreto do cemitério e aquelas estátuas todas que deixavam transparecer cinza e sombrio cimento.

Celestino pagou o motorista e ainda esperou o troco de poucos centavos como se estivesse adiando aquele momento e até poderia fingir para seus pai que tinha ido ao cemitério. Poderia deixar as flores ali do lado de fora e, por um período curto de tempo, se aliviou: “Talvez eu nem precise ir. Eles nunca vão ficar sabendo.” Mas o alívio chegou e logo em seguida o desespero, o desespero da lembrança, o desespero de saber qualquer coisa que não queria saber.

Atravessou o portão de entrada. Atravessou e com passos largos e depois curtos, assim alternados e confusos chegou ao lugar em que estavam. Sem saber ao certo o que ali estava, já que os lábios de Lina desapareceram para sempre, assim como aquela música e assim como o Ronaldo com sua guitarra, ele estava ensinando Celestino. Assim como nada disso estava ali, naquele concreto. Mas estava escrito, marcado ali na placa nomes, sobrenomes e data.

E Celestino chora furiosamente. Chora Celestino, chora Celestino.

Deixa as flores em cima do concreto que se destacam e berram as cores de sua existência no meio daquele cinza todo. No meio daquilo: flor laranja, amarela, planta verde, flor rosa e roxa, “São para vocês”, pensando o Celestino.

E, depois de enxugar a cara, depois de acalmar o tumbum do corpo, vai embora Celestino. Vai para o ponto de ônibus e de uma pronta vez volta Celestino que se esqueceu de tudo. Aquele menino que conseguiu esquecer aquela noite, aquele menino que só ouviu um grito que nunca mais ouviu nada. Aos poucos vai se apegando à materialidade das coisas: o celular, o ponto de ônibus, a placa do ônibus, a moeda do bolso, etc., vai acenando para o ônibus com a mão, dá moeda, passa na roleta, senta no ônibus, pega o celular, vê se tem mensagem, escolhe uma música e põe o fone de ouvido. Celestino olha a paisagem.

A noite vai chegando devagar com os carros que formam engarrafamentos compridos, enfileirados e buzinaados. Luzes se acendendo, a cidade terminando um dia. O ônibus cada vez mais cheio, pessoas se empurrando, homens que fingem dormir para não ceder lugares para senhoras que carregam suas sacolas. Celestino finge primeiro que não vê, quer ouvir música, quer se perder na vista da cidade, quer ficar com o rosto encostado na janela. Percebe a senhora se atrapalhando a cada curva que o ônibus dá, perdendo o equilíbrio, ninguém faz nada e Celestino acaba levantando.

— Senta aqui, senhora.

O homem que dormia ao lado de Celestino abre os olhos. Celestino passa pelo homem que precisa se recolher no banco para dar passagem e o rapaz que estava perdido na vista da cidade que passava aos seus olhos deixa transparecer fúria para o homem. Outras senhoras estavam ali carregadas e cansadas. Mas ninguém fazia nada. Celestino não podia ceder todos os lugares.

Mesmo em pé e espremido no ônibus, Celestino consegue ouvir música. Ouve um pouco de cada, não consegue ouvir uma música inteira. Checa o facebook novamente e nada de novo. Troca de música e checa mais uma vez o facebook. Nada de novo. Resolve escrever alguma coisa: “voltando para casa”, Celestino está voltando para casa.

Aperta o botão e, por entre passageiros, vai pedindo licença e dá licença, “Ei, motorista! Espera aí!”, alguém gritava porque tinha mais gente para descer naquele ponto. E salta Celestino e salta mais alguém atrás de Celestino.

Atravessa a rua, passa a praça e mais uma rua e dessa vez vai ouvindo uma música inteira. Gosta daquela música e, bem no meio daquela música que gosta, os palitinhos da bateria somem, e sempre acontece isso quando Celestino está ouvindo a música predileta. “Devia ter carregado antes de sair de casa”, pensou

Celestino, que agora seguia na rua sem música. Só ele e seus passos. Estava quase perto de casa. Quase perto de esquecer tudo aquilo que havia sido seu dia. Seu dia havia sido em embrulho de sufoco. Mas Celestino é despertado, “Escuta, Celestino!”, quando ouve uma coisa, “Acorda, Celestino!”, pensa ouvir um grito, mas não deve ser grito. Mas ouve de novo, ouve Celestino, e tem certeza, é um grito.

Celestino olha para trás. De longe não conseguia ver direito, mas duas pessoas distantes tinham seus corpos embaralhados, Celestino não via direito.

— Isso... Fica quietinha senão atiro!

A mão do homem segurando o braço da mulher e a mulher que inclinava o corpo e juntos, aquele homem e aquela mulher se embaralhavam numa confusa imagem de corpos. Congelou o corpo de Celestino por alguns milésimos de tempo pequeno. E podia correr. Corre Celestino, mais um pouco estaria em casa, salvo. Salvo e trancado.

E Celestino correu. Correu como nunca havia corrido. Seus pés estavam seguros da direção que seguiam, mas Celestino não. Ele corria em direção às duas pessoas no meio daquela rua silenciosa, visivelmente calma e escura.

E quando parou o corpo em frente às duas pessoas, notou uma mulher e um homem armado. Celestino se viu cego, se viu sumido e desaparecido.

— O que está acontecendo aqui? Vou chamar a polícia.

— Vai mesmo, valentão?

E o homem com a arma tinha um sorriso fino e parecia que uma cobra saía de sua boca. Seu corpo era puro óleo, um cheiro abafado e de tudo estranho era movido aquele homem que agora tinha largado o a mulher e apontado a arma para Celestino.

Não ouve troca de palavras, apenas um tiro em direção a Celestino.

### **3.1.8** **Capítulo VIII**

Corre tudo em volta do tempo e espaço. Folhas se soltam das árvores, um pequeno grupo de micos pula de galho em galho e até um carro passou. Rápido. O homem fugiu correndo pelo escuro.

Celestino sente seu corpo se levantar.

— Mas o que foi que aconteceu?

— Você quase levou um tiro. — O momento anterior, o episódio ocorrido, não deixou a voz da mulher alterada ou mesmo desesperada. Parecia mais calma, apesar do borbulho interior.

O rapaz passa a mão no próprio corpo, nuca, cabelo. Procura sangue, mas não encontra.

— Mas não levei.

— Você deve ter abaixado na hora. Será?

— Não sei. Esquisito, cara.

Ainda parados no escuro, o grupo de micos já segue por outros galhos de árvores de outra rua próxima e também escura.

— Cara, que merda! Que filho da mãe!

Pausa de respiros e suor escorrendo na testa. Celestino recupera o fôlego e o olhar.

A mulher continua observando o rapaz. Deixa que o tempo pouse no momento presente e se estabeleça sozinho por aquela rua. De tanto medo foi tomado aquele asfalto que parecia agitar os bichos em volta.

— Você quer ir lá em casa beber uma água? Moro aqui do lado.

— Não, obrigada. Tenho água aqui. — A moça tira sua pequena mochila das costas e retira de dentro uma garrafa de água. Você quer água?

— Você sabia que reagir a um assalto é uma péssima escolha? Você por acaso é maluca?

— Eu não gritei.

— Não viaja. Claro que gritou.

— Eu não gritei. Estava quieta.

— Cara, eu podia ter morrido. Eu ouvi você gritando e voltei.

— Olha aqui garoto, eu agradeço sua iniciativa, agradeço por ter voltado aqui, por ter falado que ia chamar a polícia. Mas eu estou te falando que não gritei. Eu não reagi, eu não disse nada, estava quieta. E que diferença isso faz agora? A gente está aqui, não tá?

— Sei lá que diferença faz. Qual o seu nome?

— Ava. Quer água?

Celestino pega a garrafa de água, dá um gole.

— Melhor a gente sair daqui ou então pode aparecer mais um desses. Ava, né?

— É, Ava. Vou indo embora.

— Não quer ir lá em casa? Eu chamo um táxi para te buscar.

— Não precisa. Tchau.

E se foi pela rua Ava carregando sua mochila e uma ponta de dúvida e raiva que se instalou em Celestino.

### 3.1.9 Capítulo IX

Celestino acordou cansado naquela manhã. Não tinha faculdade e mais nenhum outro lugar para ir. Queria ficar mais tempo na cama, debaixo do edredom. Queria juntar peças espalhadas em sua cabeça. Na noite anterior tinha chegado em casa tão fora de si, tentando ainda captar o momento do que tinha acontecido, que passou direto pela sala, cozinha, pelos seus pais, pela irmã, e gato. Foi direto para o quarto. Não disse uma palavra. Os pais não o procuraram. Queriam deixá-lo sozinho.

Celestino abriu a cortina do quarto, mas fez questão de não desligar o ar condicionado. Voltou para a cama, para debaixo do edredom. Decidiu que passaria a manhã deitado olhando pela janela a árvore que ficava em frente ao seu quarto. Enquanto olhava as folhas, ouvia o barulho aconchegante do ar condicionado. Ficou hipnotizado pelo barulho e pela vista da janela. Se queria chorar ou se queria sentir qualquer coisa não podia perceber.

Não se sabe quanto tempo passou, quantos grupos de micos passaram pela fiação do poste na rua, quantos carros buzinaaram em frente e quantas pessoas atravessaram a rua onde se encontrava a casa em que Celestino estava.

Acordando de sua hipnose, Celestino percebeu que não percebeu o barulho agitado que sua casa fazia toda manhã. Não ouviu a voz de Jackson e de sua irmã. Sua mãe não havia nem tentado abrir a porta de seu quarto. Não sentiu barulho e cheiro de café da manhã, nem ferramentas que cuidam do jardim e da horta, não ouviu passos apressados, ninguém tinha esquecido a chave ou qualquer outra coisa naquela manhã que fizesse a porta da entrada abrir e fechar diversas vezes.

Mas Celestino, imóvel, continuou deitado olhando a árvore, ouvindo o ar condicionado. Chegou a dormir por algum tempo. Em outro tempo acordou. Continuou afogado na cama, em si próprio, até perceber o fim do dia chegando sem que ouvisse nenhum barulho que não fosse do ar condicionado.

E quanto tempo seria capaz de passar no seu quarto sem sentir fome, sede, vontade de nada? A noite chegou e sentindo o ar do quarto gelado levantou para desligar o aparelho. Sentiu o corpo tremer de frio, de arrepios esquisitos.

De pijama, saiu do quarto à procura de gente, qualquer que fosse. A casa estava silenciosa como nunca. As janelas da frente fechadas. Estranho sentir silêncio entrando no corpo.

Foi andando devagar, tentando se familiarizar com aquele ambiente que não parecia em nada com sua casa.

— Celestino! — Ouviu uma voz bem baixinho. Era sua irmã.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tá todo mundo na mesa da varanda. Vamos lá.

— Aconteceu alguma coisa, Letícia? — Celestino gritou tentando controlar e dar conta daquele momento, do coração que começou a bater forte como no dia anterior.

— Psiiuu! Fala baixo e vem comigo.

Letícia o agarra pela mão e juntos vão para a grande mesa da varanda do andar térreo. Estão sentados em volta da mesa os pais de Celestino e Jackson.

Celestino e Letícia sentam e o silêncio paira sobre o ambiente. Pensamentos ocultos continuam escondidos por todos os cantos. Celestino ainda sente frio, tonto de tanto nó.

— Oi, meu filho. — A mãe de Celestino sorri ao ver o rapaz.

E nessa hora se alguém pudesse mudar o percurso da história, como um inventor que resolve desviar todas as palavras e realidades para outro destino, outro cenário, outro tempo e outro espaço. Se fosse assim a vida, se Celestino pudesse voltar no tempo e pudesse acordar num outro dia, se ele pudesse nunca estar presente naquela noite do acidente, se ele nunca tivesse sentido os lábios de Lina e se ele nunca encontrasse uma mulher chamada Ava e se... Sendo assim seus pais nunca teriam se conhecido e ele de forma alguma estaria sentado àquela mesa, naquele momento do dia. De forma alguma seria Celestino. Mas era impossível evitar aquele momento porque Celestino sentia escapar de suas mãos tudo o que aconteceu desde que o mundo virou mundo.

— Celestino... estamos aqui juntos porque algumas coisas vão precisar mudar a partir de agora.

— Fala logo o que aconteceu, pai!

— Estou doente, meu filho — respondeu sua mãe tentando sorrir.

— Como assim, doente? Doente de quê? E ninguém ia me chamar, ninguém ia me avisar, iam deixar eu mofando no quarto?

— Celestino, não é hora disso...

— Hora de quê? Doente... O que você tem, mãe? Será que vocês podem ser mais claros?

Apesar da fúria que tomava conta do menino que antes sentia frio, agora sentia fogo estalando em cada osso do seu corpo.

— Você vai morrer? — pergunta Celestino.

— Eu não sei responder essa pergunta. Ninguém sabe, Cel.

— Não existe cura? — insiste Celestino.

— Deve existir.

— Mas como “deve existir”? Que história é essa?

— Cel, a gente não sabe. — Letícia tentou acalmá-lo colocando as mãos sobre os ombros do irmão.

Celestino é brusco e dos seus olhos saltam coisas incontroláveis.

— E você dando uma de boazinha, tentando ser igual minha mãe, tentando fazer isso e aquilo. Por que não evitou de a minha mãe ficar doente? — O berro de Celestino estremecia todos os segredos ocultos escondidos por todos os cantos.

A irmã começou a chorar, “ele está fora de si” e o pai, sentindo sua família escapar, berra como nunca antes, dolorido:

— Acabem com isso já!

Jackson abraça a mãe de Celestino. Ninguém comentou mais nada.

### 3.1.10 Capítulo X

Enquanto Celestino dava voltas em torno de seu pensamento, mexia compulsivamente em seu facebook. Percorria perfis, fotografias, ia vendo gente, o que eles andavam fazendo, mas não queria falar com ninguém não. Queria só sair um pouco dali do seu quarto, da sua vida.

Olhou seu perfil. Se ele não fosse Celestino... e se não fosse, o que acharia do seu próprio perfil? Fingiu que não era Celestino e viu sua foto do perfil, os posts, vídeos, fotos, momentos, comentários. Gostou do que viu e, “Cara, como esse Celestino é feliz! Ele faz tanta coisa, vai em festa, vai em show, faz

faculdade, tem amigos, família, mulherada atrás dele, tudo tão aparentemente inabalável”. E, sim, foi ele quem construiu isso, foi colocando foto, colocando isso e aquilo até ter quase um relatório completo sobre sua vida que poderia ser compartilhado com todos aqueles que tivessem interesse em ser seus amigos, ou mesmo bisbilhotar sua vida perfeita. Celestino queria acreditar no perfil do seu facebook, se fosse tudo verdade.

Ele ia clicando, indo de um lugar a outro até perceber do lado esquerdo da tela uma solicitação de amizade pendente de Ava Z.

Foi ontem que..., pensou. Nem parece que foi ontem. Aquele homem que parecia ter uma cobra saindo de sua boca e a mulher gritando. Aceitou a solicitação de amizade que veio junto com uma mensagem de Ava Z.

Não foi tão difícil te achar aqui! Ontem fui embora e não te agradei por ter voltado para me ajudar. Obrigada. Mas é que você foi insistente, eu juro que não gritei nem reagi ao assalto. Bjs, Ava Z.

Celestino aceitou a solicitação e foi direto bisbilhotar o perfil de Ava que não oferecia nenhuma foto interessante, apenas paisagens, algumas frases de filósofos, vídeos com música. Não era possível saber quem era Ava Z.

### 3.1.11

## Capítulo XI

Os dias passavam e a residência dos Waka ia tentando, na medida do possível, acompanhar os últimos acontecimentos. Por mais que a família tentasse substituir a mãe nas atividades diárias, o ritmo da casa parecia solto e desenfreado. Copos começaram a ser quebrados com frequência. Os tapetes nunca pareciam completamente esticados, o feijão era queimado e a poeira dos móveis não ia embora mesmo que todos se empenhassem a limpá-los.

No segundo andar da residência, no último quarto do corredor, a mãe de Celestino passava os dias deitada se distraindo, ora com a vista da janela, ora com aquele pequeno universo de objetos que a cercavam: uma poltrona, uma grande cômoda que sustentava porta-retratos, o teto branco, os lençóis lilases que a envolviam, a maçaneta da porta do banheiro, a maçaneta da porta do quarto que era aberta com frequência.

Os filhos se revezavam para alimentá-la e ajudá-la nas necessidades básicas. Sabiam que em pouco tempo a mãe ia entrar no sono profundo pelo qual os

doentes passam. O silêncio tinha arrombado a casa e as almas daqueles que ali viviam. Todos sabiam que precisavam levar os dias com suas horas, mas pareciam ao mesmo tempo alheios.

A mãe doente ainda podia conversar e movimentar braços e cabeça. Cada pessoa que entrava no quarto para levar-lhe um copo de água ou um pouco de companhia tentava estimulá-la sobre os planos do futuro: “Quando você ficar boa, podemos viajar!” Aquele tipo de palavras frágeis que se a dizem doentes. As palavras podem garantir alguma esperança material.

Celestino tinha entrado num estado total de alheamento. Estava esquecido dele mesmo. Não possuía forças para formular frases ou planos. A palavra férias só significava para ele uma estranha junção de seis letras que juntas não formavam sentido algum.

Quando abria a porta do último quarto do segundo andar tentava ajustar seu pensamento embaralhado. Daquela porta em diante estavam reunidos o amor pela mãe e o medo de perdê-la. E como é que juntos, num mesmo lugar, podiam habitar sentimentos tão diferentes? Celestino sentia.

— Mãe? — Entrou devagar no quarto. Reparou nos cabelos soltos da mãe - Trouxe água.

— Vocês estão querendo formar um oceano dentro de mim.

— Você precisa de água.

— Cel, meu filho. Você pode deixar a porta do banheiro aberta?

— Mas mãe...

— Eu só estou cansada de ver essa porta fechada. Estou o dia inteiro tentando me lembrar de como é olhar esse banheiro.

Celestino abriu a porta do banheiro e deitou ao lado da mãe para tentar captar o ângulo de visão que a mãe tinha deitada em sua cama.

— Não fica mais interessante, Cel? Com a porta fechada não podia ver as gavetas do banheiro, nem aquelas bobagens que eu usava em cima da pia. Agora eu posso me lembrar do dia em que eu e seu pai escolhemos aquelas gavetas. Lembro até o dia em que comprei aqueles cotonetes.

— Que cotonete?

— Os cotonetes que estão na primeira gaveta. Você pode me trazer um cotonete?

— Você quer limpar o ouvido? — perguntou Celestino.

— Eu quero olhar o cotonete.

Celestino correu no banheiro e achou na primeira gaveta a caixa de cotonetes.

— Uma invenção interessante, essa. — Celestino pega o cotonete e o enfrenta com seu olhar. Havia tempo no mundo para criar invenções como aquela.

A mãe de Celestino sorriu e sentiu-se tão estúpida por perceber que, em um instante da sua vida, se deixou emocionar por um cotonete. Segurou o objeto com toda força. Precisava apegar-se ao mundo.

— Cel, você lembra daquela história que eu contava para você quando era criança?

Celestino deita na cama novamente.

— Que história, mãe?

— A história do menino Celestino que morava no mundo.

— Existe um outro Celestino além do meu bisavô?

— Existe esse da história que eu te contava.

— E qual é a história desse Celestino?

Sua mãe olha para o teto, aperta mais forte o cotonete que está na sua mão. Respira, olha, olha e respira.

— Pois é, estou tentando lembrar essa história... Mas não lembro.

Celestino sentiu o coração congelar. O que era aquilo que fazia seu peito parecer uma pedra? Abraçou sua mãe com força.

— Eu vou tentar me lembrar dessa história, mãe. Eu prometo.

E ficaram os dois deitados em silêncio. O mundo lá fora corria agitado, mas ali dentro do quarto só era possível ouvir a agitação do apavorado coração de Celestino. Se lembrava de todas as histórias que seus pais lhe contavam desde criança, mas em nenhum momento podia lembrar de ouvir sua mãe contando a história de algum menino chamado Celestino. Guardou para si o medo e o sufoco exprimido por ele mesmo.

### 3.1.12 Capítulo XII

Seu pai folheava o jornal no escritório e o gato Nino, como sempre, estava embaixo da mesa. O pai estava abatido, mas continha sua angústia. E folhear o jornal lhe assegurava certa conexão com o mundo que parecia tão distante. Letícia

também estava no escritório, olhando o jardim pela janela. Jackson, que estava lá fora com o jardineiro cuidando da horta, por um momento, olhando aquela cena, chegou a suspeitar que acontecia tudo como antes. Não podiam calcular quanto tempo pai e filha permaneciam em silêncio naquele ambiente. Tudo era muito doído.

### 3.1.13 Capítulo XIII

Na mesa do bar, Celestino já havia pedido dois chopes. O falatório daquela gente o consolava. Deixava-se levar pelas risadas de uns, os comentários que alguns faziam sobre o trabalho ou sobre a política ou sobre o futebol. Deixava seus olhos acompanharem a bandeja do garçom, entrava no copo de caipirinha que passava e ali permanecia até ser engolido pela mulher que a tomava. Estar ali o fazia sentir como o perfil que construira no Facebook. Sim, ele era em cara bonito e que tomava chope. Revigorou-se, ficou aliviado e deu um gole. Ele fazia sim parte desse mundo. E como! Só conseguiu acreditar na sua grande invenção por muito pouco tempo. Por alguns milésimos de segundos conseguiu acreditar na sua falsa energia, falsa felicidade. Suspirou e concluiu: que merda!

Pedi um terceiro chope e continuou passeando com o olhar, riu da sua ignorância, da ignorância de todos. Todos agem como se soubessem o que aconteceria com suas vidas no futuro. Se eles soubessem o que aconteceria com eles amanhã, será que estariam aqui?

— Talvez sim. -disse em voz alta.

A mulher de pele branca e cabelos amarrados, de que cor seriam? Ela entra no bar e Celestino imagina peitos e bunda e, num pensamento distante a pensa: Gostosa.

— Celestino?

— Ava Z.

Ele se levanta. Se cumprimentam. Sentam-se. Celestino olha para Ava. A imagina. “Certamente já dormiu com outros, deve ter dormido com muitos outros, vinte e sete anos no mínimo”, pensa rápido.

— Bebe alguma coisa?

Ava Z diz:

— Cachaça.

Será que ela quer se embriagar para dormir comigo? Pensamento de adolescente volta e passa pela imaginação de Celestino que chama o garçom.

— Quero Seleta.

— Me trás uma dose de Seleta e uma dose de vodca, por favor. — Não ia ficar bebendo chope na frente de uma mulher que pediu cachaça.

— Então? — Ava o olha profundamente.

— Então o quê? — Celestino ficou, de repente, nervoso com a presença daquela mulher na sua frente. Já tinha saído com meninas que pedem Cosmopolitan ou vodca com energético. Sempre soube lidar com mulheres, sempre soube inventar os melhores personagens, as melhores cenas. Não houve tempo para se preparar para um encontro com uma mulher que bebia cachaça. Ele não sabia improvisar tanto como pensava. Celestino se sentiu um idiota por tudo. Por ter marcado o encontro, por tudo.

— Então, você me chamou aqui porque precisava conversar comigo? — Ava continuava perfurando Celestino com seus olhos e mais sua boca. Ele se sentia estrelado.

— É, eu preciso conversar com você.

Chega à mesa a cachaça e a vodca. O momento é interrompido com a intervenção do garçom, que retira o copo de chope, coloca na mesa a dose de cachaça e vodca e depois oferece o cardápio para os dois, perguntando se aceitam comer alguma coisa da casa. Celestino se irrita com o garçom.

— Você aceita alguma coisa?

— Por enquanto, não.

Celestino se dirige ao garçom.

— Por enquanto não. Por favor, você pode levar o cardápio?

As ações do garçom o confundem. Estava se preparando para conversar com Ava que, a essa altura, mal tinha esperado o garçom se retirar, para virar seu pequeno copo de cachaça de uma só vez. Seus olhos lacrimejam.

— Dia estressante hoje. Precisava disso.

Celestino olha para seu copo cheio de vodca. O mundo com seu arrastar de cadeiras e vozes de pessoas que antes o consolavam agora o degolam. Bebe um gole. Estava ali por uma questão vital. Se já achava tudo aquilo idiota, o melhor era continuar.

— Eu te chamei aqui porque acho que estou ficando doido.

Ava sorri.

— Você me chamou aqui para dizer isso?

— Olha, é muito importante você me dizer isso. Aquele dia do assalto... Eu ouvi seu grito.

— Não acredito que me chamou aqui para continuar com essa história, talvez você esteja doido mesmo.

— Minha mãe tá doente. Ela me perguntou hoje se não lembro de uma história que me contava quando eu era criança. Mas eu não lembro.

— É normal não lembrar de certas coisas.

— Mas a história fala de um menino que chama se Celestino também. Eu lembro de todas as histórias que meus pais me contavam, ou quase todas. De qualquer forma... Eu não ia lembrar dessa com meu nome?

— É impossível lembrar de todas as histórias!

— Se sua mãe contasse para você uma história que falasse de uma Ava, você se esqueceria? — Perguntou Celestino.

— Nunca se sabe...

— Mas aí você me diz que quando foi assaltada não gritou. Mas eu ouvi seu grito.

— Então, por isso, você acha que está doido?

— É, eu acho.

— Você acha que sempre foi doido ou que ficou doido?

— Se eu era doido antes, nunca reparei.

— Que diferença faz ouvir um grito ou imaginar um grito? Você pode ter ouvido muitas outras coisas que não aconteceram de verdade.

Celestino termina sua vodca.

— Ah, sei lá. Que merda, viu! Que diferença faz lembrar ou esquecer de uma história?

— Se você lembra, você pode contar. Se não lembra, você pode não contar.

— Ou inventar — Ele complementa.

Celestino participava de algo com Ava Z.

— Eu conheço a história de um Celestino. Minha mãe contava quando eu era criança.

Celestino arregala os olhos se prendendo a uma ponta de esperança: quem sabe não seria aquela história que ele deveria lembrar? Muitas vezes esquecemos

de alguma coisa, mas se alguém nos ajuda a lembrar ao menos uma parte, conseguimos lembrar e desmembrar todo o resto. Celestino estava certo que aquela seria sua história perdida no tempo da infância. Chegaria em casa e contaria tudo para sua mãe. Relembrariam juntos.

— É a história de um menino chamado Celestino que nasceu no mundo.

Celestino conseguiu congelar o universo ao seu redor. Todos pararam de falar, os que dormiam continuavam dormindo, os carros congelaram e os aviões ficaram suspensos no ar, imóveis, apenas pela força que Celestino fazia para se concentrar na história que Ava contaria.

— Esse menino morava num lugar de rua sem nome. Era uma pequena cidade onde tinha muita poeira, uma igreja, uma escola, um mercado... Celestino morava com seus avós. Não tinha pai nem mãe. Seus avós eram muito velhos, eram caquéticos e, por isso, desde criança Celestino que cuidava dos avós. Fazia comida, dava banho...

Enquanto Ava contava a história, Celestino, que estava na mesa do bar ouvindo, dava redemoinhos de pensamentos, se apegava a cada detalhe.

— Ele era um menino, mas já parecia homem já que possuía responsabilidades de uma adulto. Mas ele não reclamava. Pelo contrário, sentia muito amor pelos seus avós que, apesar de meio caducos, sempre lhe contavam histórias maravilhosas. Contavam para Celestino a história do Rei que tinha pernas de mármore, do macaco que sabia escrever, da montanha negra e todas essas histórias do passado do mundo. Um dia seus avós desapareceram.

— Como?

— Ninguém sabe. Aliás, as pessoas desaparecem! Os avós dele desapareceram e ele saiu pelo mundo em busca deles. Ele percorreu todos os oito cantos do mundo. Percorreu todos os lugares visíveis e invisíveis. Encontrou o Rei das pernas de mármore, viu plantas e flores encantadas que pensavam, e até o macaco que escrevia ele encontrou. Mas ninguém tinha notícia dos seus avós.

— E aí, o que aconteceu? Ele voltou para casa?

— Ele nunca mais achou o caminho de volta, mas achou um outro caminho.

— Que caminho?

— O caminho para todas as respostas. De tanto ele viajar e observar pessoas, descobriu a verdade.

— E qual é a verdade?

— Não sei, porque ele nunca contou. Mas, depois que descobriu a verdade, não procurou mais os avós nem sua cidade que desapareceu.

— Por quê?

— Ué, porque ele descobriu a verdade, a resposta de todas as perguntas. Ele entendeu porque tudo tinha desaparecido.

— Ele se conformou com essa verdade?

— Ele não se conformou, ele entendeu. É diferente. Quando se entende.

Celestino descongela tempo e espaço, começa de novo a ouvir a voz do ambiente, as gargalhadas estavam mais altas, os garçons corriam de mesa em mesa para dar conta de atender aos pedidos.

— Essa é uma típica história para crianças.

— Essa é a história do meu bisavô.

— Seu bisavô?

— Vou pedir mais uma cachaça. Você quer alguma coisa?

— Eu te acompanho na cachaça.

— Olha lá, hein, menino. Vai passar mal não.

— Mas você acredita nessa história? Você... — Celestino ri de achar graça e ri de ficar nervoso. Engasga nas palavras confusas que tentam formar sentido na sua cabeça — Ava, quem te contou essa história?

— Minha mãe me contou a história do avô dela, a história do meu bisavô Celestino.

— E você acredita nisso?

— Nisso o quê? De o meu bisavô entender a verdade do mundo? Por que não acreditar?

— Porque é uma história idiota.

— Se for assim, todas as histórias são idiotas.

As duas doses de cachaça chegaram na mesa. Estavam os dois pequenos copos compartilhando aquele mesmo pedaço de mesa que um dia tinha sido madeira, um dia árvore. As pessoas ao redor discutiam e riam, faziam comentários sobre a inflação e davam goladas. Experimentavam a linguiça da casa, pediam um bolinho. Um engraçadinho imitava a voz de um político e outra dizia que estava pronta para o divórcio. Muitos projetos compartilhados: tinha um que ia ficar milionário como uma ideia genial jamais inventada. O outro estava definitivamente certo que ele e sua mulher, depois de tentarem tantas vezes ter um

filho, iriam adotar uma criança. Demoraria tempo, mas não há outro jeito, pois queriam um filho, precisavam de um filho. Esperança, frustração, palpites, previsões, receios.

Naquele espaço de apenas metros quadrados se encontravam num universo particular, Celestino e Ava Z., compartilhando um mistério quase único e extraordinário. O rapaz ria ao mesmo tempo que sentia tristeza, se divertia com aquela mulher, ao mesmo tempo sentia o peito apertado.

Um encontro entre desconhecidos. Nada mais previsível para a cena que encerra o cenário completo daquele típico bar.

Uma mulher jovem e bonita de língua afiada, que gosta de fotografia, que não pensa em casamento, que fala francês, e quer viver sua liberdade, fazer trabalho voluntário na Índia. Aquela mulher que já foi apaixonada por um professor e que hoje esnoba o restante dos homens que aparecem em sua vida. Mulher mais previsível, personagem de letras de músicas que estouram nas rádios, personagens de tantos livros. Mulher que confunde ficção e realidade porque assim é mais interessante, porque assim sente-se a maravilhosa impotência de não sabermos quem somos nesse mundo suspenso num grande vácuo escuro.

Celestino a olha, a despe, apenas com os olhos. Primeira vez conversando com uma mulher de poderes místicos e ainda uma tatuagem. Mulher que bebe cachaça. Essa mulher assim como tantas outras, assim como nenhuma, assim carente de entendimento sobre sua existência e seus porquês. Pensou em ser freira quando criança, pensou em fugir. Pensou em perder sua virgindade com um, teve medo, não perdeu. Depois não esperou e se entregou ao amor. Se arrependeu, chorou, depois aprendeu, fez outros se arrependerem.

Uma mulher tão jovem com cicatrizes saudáveis, algumas mais doídas, outras camufladas e, por isso, tantos filmes, tantas músicas, tanta religião. Precisava se identificar, precisava entender, precisava e por isso descoloriu uma vez o cabelo. Pintou de roxo, agora estava natural. Queria e precisava ser natural quando ali apoiava os delicados cotovelos sobre a mesa e filosofava com um rapaz mais jovem sobre assuntos tão vagos, tão estimulantes: a memória, afinal, é confiável? As vozes que se escutam são reais? E por que uns esquecem, outros não? E por que alguns escutam vozes que não existem, ou as vozes que existem não são escutadas?

Ela como jovem mulher tenta formular frases de sabedoria, frases de efeito. Conseguiu até, por poucos segundos, se sentir intimidada com a atitude arisca do menino à sua frente que não a cantava nem a desejava. Estava, assim como ela, tentando entender. Todos naquele bar tentando entender o que quer que fosse.

Até que os dois pequenos copos de cachaça são derrubados por um ventorasteira que entra pela porta.

Se Celestino antes estava ouvindo vozes que não eram gritadas, ainda poderia tentar aceitar, mas ver copos sendo derrubados. Minha nossa! O vento entrando não só pela porta do bar, mas pela janela. Saias sendo levantadas, quadros entortando.

Agora estava de vez perdendo todos os limites da sua desgovernada razão. Mas em volta... em volta a conversa do bar ficou muda para dar voz aos objetos que estavam antes apenas cumprindo sua função como matéria. Agora estavam vivos.

Copos voando, cadeiras rodando, a cachaça espatifou no chão. Era a cachaça? Mas, a cachaça tinha então tomado conta de tudo, como se aquele bar e suas estruturas de ferro e cimento tivessem veias. Estavam pulando. E as pessoas, as pessoas estavam tombando e tudo estava rodopiando, girando e não parava mais.

Ava Z. que experimentava um terror jamais sentido antes, presenciava ao mesmo tempo a cena mais emocionante de toda sua vida. Era aquilo que queria presenciar, era aquilo que tanto temia, aquilo de participar de um momento, aquilo que sempre buscou em todos seus retiros espirituais. Era daquilo que tanto fugia, aquilo que tanto procurava, fazer parte de um momento em que todos perdem e se perdem e não existem mais os números registrados no grande arquivo de registros de nascimento. Todas as senhas de bancos se perdem, os prazos, as inscrições, os planos, as aulas, tudo. Tudo é sugado rapidamente para aquele vácuo. É o medo que governa.

— Vem, Ava.

Celestino a puxa e juntos saem em meio à multidão apavorada. E correm sem olhar para o lado. Ava Z. queria cheia de pavor, não conseguiu ter como havia ensaiado antes, compaixão por aquelas pessoas. Estavam todos correndo, gritando, chorando. Celestino e Ava Z eram mais dois. Um vento desgovernado e furioso não tinha piedade de nada nas ruas, carros, pessoas, folhas, árvores, latas

de lixo. O vento parecia zangado, procurando algo e fazendo sua varredura. Todos correm por onde podem, vão por onde podem ir. Não há espaço para nada.

— Para onde? — pergunta Ava Z.

Celestino olha em volta e tenta captar o momento. Tudo escapa. Mãe, pai, bicicleta, sua irmã, o acidente, cemitério, guitarra, pedaço de limão, Jackson. E como, por onde vão estes? Os dois correm em meio aos outros que também correm. Para a direção da praia? Mas se tudo está ventando. As ondas, as ondas. O celular começa a tocar. Já estava tocando, mas toca de novo. Devem ser os pais. E sua mãe? Sua mãe estaria como? Ava Z. está chorando. Não grita, ela chora, aperta a mão de Celestino. Correm e correm não em direção à praia, nem embaixo de lugar nenhum porque tudo pode desabar, já está desabando, desabado.

Deu a ventania na cidade.

### 3.1.14 Capítulo XIII

Acordou Celestino de cabeça doída, zozna e voada. Estava vestido com a roupa da noite anterior. Sentia na língua um gosto amargo. O ar condicionado estava desligado. Ficou um tempo contemplando o quarto que o cercava. Por alguns segundos chegou a não reconhecer o quarto. Aquelas paredes sempre estiveram ali? Estava ainda a se recompor. Parecia ter perdido a conexão com seu corpo. Sabia seu nome, mas estava tão cansado. A porta do banheiro estava aberta, pensou logo em cotonetes: sua mãe.

Levantou correndo e varrido foi para o quarto dos pais. Aquele mesmo corredor. Agora estava lembrando de tudo: as paredes cor de salmão, aquele vaso ali em cima daquele móvel. Sim, isso mesmo. “Preciso ver minha mãe.” Entrou no quarto e levou um susto ao ver os pais dormindo. Susto de alívio. Estavam dormindo, nada de errado. Os cabelos da mãe estavam soltos fazendo desenhos no travesseiro, no lençol. Viu uma lua, um cavalo, eram os cabelos da mãe. O pai estava de olhos fechados, como sempre. Riu consigo mesmo.

Celestino voltou para o quarto e quando encontrou o celular, ainda no bolso da calça jeans da noite anterior, viu que eram 6 horas da manhã. Estava tão agitado, tão confuso. Estava sem entender o que havia acontecido. Foi um sonho de uma ventania, alguma coisa assim. Ava estava com ele e correram tanto. Ava tinha contado uma história, beberam cachaça e depois correram pelas ruas.

E, de tanto pensamento confuso, caiu na cama. Precisava se lembrar se tinha sido sonho ou realidade. E, de tanto querer lembrar, se esquecia cada vez mais da noite anterior.

Rodou na cama, se enrolou no edredom e depois sentiu calor. Tirou blusa, calça, respirou fundo. Estava tudo rodado. Sentiu frio e se enrolou no edredom novamente.

Celestino, um menino que vivia no mundo. Estava tentando remontar a história que tinha ouvido de Ava. Qualquer um poder ser um menino que vive no mundo. Ele também é Celestino que vive no mundo.

### 3.1.15

#### Capítulo XX

Havia algum tempo, não se sabe quanto, talvez muito, talvez nem tanto, que a mãe de Celestino estava no sono profundo. A família não sabia quanto tempo ela iria permanecer nesse estágio. Só sabiam que era necessário, fazia parte do processo de cura. Podia voltar do sono profundo ou permanecer para sempre naquele estado. No meio de tanta aflição, fecharam as portas da residência para os almoços e dispensaram os funcionários da casa em consideração à mãe. Diariamente chegavam flores de vizinhos, amigos e conhecidos. Todos desejando melhoras, desejando que o sono não durasse tanto. Celestino, Letícia e Jackson recebiam os presentes e distribuíam pela varanda, pela sala, cozinha, banheiro, escritório, até não terem mais espaço para tantas flores. Um dia, resolveram colocar uma placa na porta de entrada.

Agradecemos seus mais sinceros votos, mas, por enquanto, não poderemos mais aceitar flores ou presentes. Assim como vocês, torcemos para que nossa mãe volte o mais rápido possível do sono profundo para continuar iluminando a vida de todos nós.

Letícia passava os dias na grande biblioteca da residência. Não foi de repente, mas um dia parecia ter encontrado uma tristeza profunda. Parecia que suas teorias sobre o mundo haviam falhado e procurava as respostas nos livros, nos infinitos livros daquela biblioteca. Grandes, pequenos e de vários outros tamanhos. Mesmo que não tivesse força para lê-los, olhava e olhava para os livros, para capa.

Fazia tempo que tentava juntar força para pegar ao menos aquele livro que estava bem na sua frente; Na verdade nem tentava juntar força, era difícil até juntar força para olhar. Aquele tempo em que tinha energia para juntar mutirões em atividades coletivas, em que buscava energicamente pensamentos positivos para um mundo melhor, em que liderava grupos para limpar calçadas e outros espaços públicos tinham ficado para trás. Agora, era difícil lavar até mesmo um copo. Um copo feito de vidro. Passar água, esponja com sabão. “Que preguiça, que tristeza”, pensava. Por isso, tinha escolhido usar apenas um mesmo copo para beber leite ou água. Assim não tinha o trabalho de ter de lavar nenhum copo, nunca mais.

Passava muitas horas sozinha em seu particular universo povoado de livros. Mesmo que não tivesse força nenhuma para ler, passava muitas horas apenas olhando os livros. Vez ou outra passava as mãos em seu cabelo, sentia grudar os fios na palma da mão. O sentia pastoso. Quando sai da biblioteca e anda pela casa, é possível ver Letícia passando: ela segura em uma mão aquele mesmo copo, agora sebooso, e na outra um livro que desconhece o título.

Jackson, com seus quatorze anos, tinha perdido seus sonhos em algum lugar. Não tinha interesse pela luta, não achava mais nenhuma menina bonita. Tentava cuidar do jardim, mas depois se atrapalhava, se irritava e ia jogar bola no quintal da casa que, aos poucos, já estava sendo tomado pelas plantas. Quando voltava para a favela Do Galo, à noite, não levava mais verduras ou frutas frescas recolhidos da horta. Sua mãe estava extremamente irritada com todos os irmãos que dividiam o mesmo barraco e, num dia muito triste, disse para Jackson não voltar porque a situação estava muito difícil. Cuidar de mais um filho era desgastante.

Jackson chegou na residência dos Waka de mãos vazias e por lá foi ficando, sombrio e perdido. Estava de férias, mas nunca como antes sentiu tanta raiva das férias escolares. Cheio de tédio, jogava bola sozinho e com certa dificuldade, já que o mato havia coberto toda a área livre em volta da residência. E um dia descobriu um enorme caminho de formigas gigantes, quando já não havia mais espaço para jogar bola e sua única atividade passou a ser perseguir o enorme caminho das formigas.

Já no segundo andar da residência, o pai havia se retirado em seu escritório com o gato Nino, que permanecia dorminhoco embaixo da mesa. Sua barba havia

crescido quase 50 centímetros. Passava horas sentado em sua grande poltrona que ficava de frente para sua mesa.

Antes cuidava dos negócios da família com todo empenho, vitalidade, alegria e responsabilidade. Eram tantos elogios que recebia por ter uma família tão exemplar para esse mundo. Ah, quantas virtudes eram cultivadas naquele ambiente! Mas parece que o pai tinha se transformado num homem barbudo de olhos cerrados. Não se sabe se ele estava dormindo ou apenas olhando a porta de entrada do seu escritório, talvez com a esperança de que sua esposa, a Mãe Waka, entrasse a qualquer momento com seus cabelos presos o chamando para o almoço.

Uma longa e preguiçosa antipatia reinava na residência que antes possuía as flores mais vibrantes da cidade. De vez enquanto era possível ouvir um suspiro, uma tentativa de recuperar um tempo longínquo, quase inexistente. O tempo estava rachado.

### 3.1.16

#### Capítulo XVI

Ava olhou a placa que ficava na porta de entrada da residência, mas ignorou a mensagem. Empurrou a porta que estava aberta e com muita dificuldade passou pelo pátio de entrada tomado por grandes arbustos de mato.

— Celestino! — gritou. — Celestino! Letícia! — gritou novamente. Parecia estar perdida. Não era possível visualizar um caminho que fosse para a porta da residência da família Waka. Era sempre assim quando chegava naquela casa. Nunca decorava o caminho certo que deveria tomar dentro daquele enorme matagal.— Celestino! Letícia! Jackson!

— Estão lá dentro! — Uma voz próxima parece ter respondido Ava.

— Jackson!? Onde está você Jackson?

— Estou aqui nas formigas. Elas são enormes sabia?

— Eu quero entrar na casa. — Ava ignorou as formigas.

Jackson surgiu finalmente por entre um arbusto agachado, pois não podia ficar em pé devido às árvores que haviam tomado todo o espaço aéreo. Olhou para Ava com uma expressão muito entediada. Ava estava tão agachada que se tentasse se abaixar mais um pouco estaria deitada no chão.

— Lá dentro.

— Eu sei, mas preciso achar a porta de entrada. Não consigo achar.

— Aqui estont.

— Hum?

Jackson parece ter rosnado.

— Eu estava aqui ontem, Jackson, mas as árvores parecem ter crescido mais e mais. Não lembro do caminho!

Jackson suspirou como se Ava fosse a mulher mais ignorante desse mundo e pelo seu olhar a convidou para segui-lo.

Depois de tantas voltas e muitos minutos, passando por cima de pedras, se desviando dos espinhos e do matagal, chegaram à porta de entrada. Jackson realmente dominava todo o caminho de entrada. Ele convivia há tanto tempo com toda aquela natureza bruta que nem sentia a dificuldade de passar por ali.

— Obrigada, Jackson. — Ava retribuiu com um sorriso.

—A porta está aberta. — disse o garoto quase rosnando, desaparecendo no meio do quintal.

Ava abriu a porta e não se espantou com a escuridão.

— Estou aqui, Cel!

— Xiii! Fala baixo. — Celestino apareceu com uma vela apagada e outra acesa que carregava como lanterna. — Toma. — Acendeu a vela apagada em sua vela e entregou para Ava.

— Obrigada.

— Quero te mostrar meus avanços.

— Ainda continua desafiando a vida? — pergunta Ava sorrindo.

— Estou chegando perto de vencer. — Celestino exibia um sorriso confiante.

Celestino e Ava passaram pela escuridão sendo guiados apenas pela chama da vela. As flores que sua mãe tinha recebido estavam todas secas formando um grande jardim árido dentro da casa. Na cozinha havia uma louça que formava uma grande montanha chegando quase ao teto.

Continuaram andando em silêncio até chegarem à segunda sala do andar de baixo. Celestino havia arrastado todos os móveis para poder ter espaço livre. Ele precisava de muito espaço para se movimentar diante de sua grande invenção.

— Aqui está — disse ele.

Ava olhou para uma parede feita de espelho. Não conseguia enxergar nada além do seu próprio reflexo.

— Não, sua boba. Não é para se ver. Olha isso. — E Celestino foi dançando com a mão que segurava a vela, iluminando palavra por palavra, todas elas escritas por ele.

Ava forçava os olhos para ler cada palavra de tinta. Se ela se desconcentrasse por um momento, deixava de ler e via sua própria imagem refletida. Enquanto lia, olhava para Celestino que conduzia a vela. Conduzia a ordem certa de cada palavra.

— O grande quadro da verdade. É isso que está escrito, Cel?—perguntou Ava baixinho.

— É isso. Agora lê o resto. — Celestino estava tão entusiasmado com sua criação. Há muito tempo que passava horas e horas formulando palavras, escrevendo palavras. Não conseguia comer ou dormir, não sentia mais cansaço ou vontade nenhuma que não fosse de escrever.

— Você devia mudar para o espelho da verdade. — disse Ava enquanto tenta ler as outras palavras.

Celestino para e pensa, resgatado para um lugar que há muito tempo não frequentasse. Ficou um tempo quieto.

— É, pode ser. Isso não faz tanta diferença assim. Depois eu mudo. Mas olha, olha isso...

Depois de percorrer cada palavra por aquela grande parede de espelho, Ava sentiu os olhos doloridos. Sentou no chão, tirou sua garrafa de água da mochila e ofereceu para Celestino.

— Não tenho tempo para beber água. — disse Celestino. — Preciso logo chegar à conclusão.

— Você acha que vai encontrar a resposta?— perguntou Ava dando goladas de água.

— É claro que vou. Se o outro Celestino conseguiu encontrar a verdade do mundo, eu também vou encontrar. — Enquanto ele falava repleto de convicção, Ava reconheceu o tom seguro e arrogante daquele Celestino que um dia encontrara na rua.

— E sua mãe vai ser curada? — indagou Ava.

— Vou descobrir a verdadeira razão de sua doença, descobrir o verdadeiro remédio e tirá-la desse verdadeiro sono profundo.

— Então você pode não apenas salvar sua mãe, mas todo o mundo. Lá fora tem muita gente na fila do hospital...

— Eu não tinha pensado nisso, mas pode ser... Quem sabe?! Eu posso compartilhar a verdade.

— Lá fora o mundo está esquisito, Celestino...

Celestino mirava o espelho tentando procurar alguma palavra nova que pudesse escrever.

— Você acha que no mundo só existem “objetos”, “animais”, “pessoas” e “natureza”?

— Pedras, grãos de areia e ar contam como “natureza”?

— Sim, contam.

— E “palavras” são o quê? Objetos? — pergunta Ava, bem interessada na questão.

— Palavra escrita parece objeto.

— É, mas, pensando bem, você não pega palavra com a mão, Celestino! Você só pega um livro. O livro que é um objeto — E Ava poderia continuar seu discurso filosófico por mais tempo se não fosse interrompida por Celestino.

— Podemos pegar os objetos! Podemos pegar todos os objetos! — gritou Celestino eufórico.

— Mas pegamos a natureza. Podemos pegar os bichos, as pedras, o grão de areia... — Continuou Ava intrigada.

— Mas vai com calma, espertinha. Não podemos pegar o ar!

— Claro que não podemos pegar o ar. Podemos sentir o ar na cara. Também não podemos pegar as palavras, mas podemos senti-las. Podemos sentir as palavras dentro da gente. — disse Ava, triunfante e orgulhosa de seu raciocínio.

— Podemos pegar uma lâmpada, uma vela, não a luz. — Celestino parece hipnotizado pela chama da vela.

— Luz é energia, Celestino! Luz é que nem sonho e imaginação: a gente não pega, mas vê, sente. Que nem palavra que a gente não pega, mas lê e sente também...

— Você está me falando muito, Ava! Calma, por favor. — Celestino respira.— Eu preciso entender isso. O rapaz lê todas as marcações, pensando em cada palavra que escreveu.

— Hummm — diz Celestino para si próprio. E o pensamento?

— O pensamento é que nem imaginação.

— Você está enganada, senhorita. Existem pensamentos verdadeiros, pensamentos falsos, pensamentos sem sentido, imaginação é um pensamento que não existe.

— Como que não existe? — Ava começa a suspirar mostrando certa inquietação.

— Uma coisa é pensar, outra é imaginar.

— E sonhar? Onde fica a palavra sonhar?— Ava desiste de jogar com Celestino. — Sabe, Celestino, vamos dar uma volta?

— Não tenho tempo. Preciso pensar, Ava.

— Você acha que vai descobrir toda a verdade nesse espelho? Você devia dar uma volta, respirar um pouco lá fora. Todo mundo que tem uma ideia precisa arejar a cabeça, ver gente...

— Eu já vejo minha irmã todo dia. — diz Celestino, compenetrado em seu espelho, acrescentando com tinta azul a palavra “IDEIA”.

— A sua irmã virou um zumbi, Celestino! — berra Ava. — Será que você não entende essa verdade?

— A minha irmã virou um zumbi? — Celestino escreve rapidamente a palavra zumbi no espelho. Se perde no pensamento de zumbi — Mas zumbis não existem, Ava!

Ava começa a se desesperar e cai num pranto sem fim.

— Celestino, existem algumas verdades aqui: Sua mãe não sai do sono profundo, seu pai perdeu todos os sentidos, Jackson se transformou num bicho. Num bicho! Você não pode ver isso? Acorda, Celestino! Que verdade é essa que procura. Essa verdade que esconde a verdade da sua família, da sua casa?

Ava chora compulsivamente. Se antes achava intrigante toda aquela novidade de entrar numa caverna para discutir assuntos existenciais que poderia salvar a mãe de Celestino, o mundo agora se via num poço profundo e desesperador. Logo Ava, sempre tão espirituosa, sempre querendo provocar abismos de pensamentos em pessoas, sempre querendo fazer intervenções no meio, sempre querendo ser uma mulher livre, sempre e sempre procurando uma verdade além e aquém, estava agora fragilizada como criança querendo voltar ao ponto de partida, querendo nunca encontrar aquele rapaz de rosto selvagem agora

completamente dominado por ideias desconexas, achando estar próximo do átomo formador de tudo.

Ava, tão clichê. Ava que tinha se apaixonado por um professor. Ava que tinha tatuagem e que fazia questão de sentir a aventura da vida batendo em sua alma, era agora só Ava querendo uma saída para a realidade. Onde as pessoas pegam ônibus, onde as pessoas têm contas para pagar, onde as pessoas planejam festas de fim de ano, onde as pessoas ainda roubam por dinheiro, onde as pessoas querem conquistar terras. Onde os sonhos são formados de apartamentos mobiliados, carro do ano, lindos vestidos. Onde a paixão acontece, onde o coração pode ser partido ou não. Onde se adocece, se tira férias, se planeja um filho, se adocece e morre. Esse mundo cruel e real. Ela não queria mais ser aquela Ava. Aquela que procurava o mistério, a essência, aquela que deixava a alça colorida do sutiã à mostra. Aquela Ava.

— E sabe de uma coisa, Celestino? Aquele Celestino, aquela história que te contei do meu bisavô, aquilo tudo era mentira. Eu inventei! — berrou Ava no meio de tanto choro e desespero.

Celestino deixa de olhar o espelho.

— Como assim mentira? — Celestino tinha se esquecido dessa palavra. Correu para escrever no espelho. — Mentira. O que é mentira, Ava?

— A história que eu ouvia quando criança, que minha mãe contava... era a história de um livro. Meu bisavô era um mero caminhoneiro.

— Você está dizendo que aquele Celestino que descobriu toda a verdade nunca existiu? — Celestino parecia ter olhos de vidro tão vidrados.

— Eles existiu, Celestino. Existiu nos livros, na minha imaginação. Ele ainda existe dentro de mim. Em forma de história, sei lá, como você queira chamar. Mas realidade mesmo não.

— Você mentiu.

— O que você quiser pensar. Eu estou cansada de tudo isso. Cansada.

Os olhos vidrados de Celestino pareciam estar aos estilhaços.

Ava saiu correndo e, aos prantos, tropeçando por entre objetos espalhados, esbarrando em arbustos e pedras que ocupavam o pátio do lado de fora da residência. Foi embora para o mundo do lado de fora.

### 3.1.17

## Capítulo XVII

Ava se perdeu entre a multidão do mundo de fora, onde as pessoas estavam dispersas e atentas com seus próprios afazeres, perdidos em pensamentos distantes. Impacientes. Tempo. Tempo é dinheiro e... Como a carne está cara! Algumas pessoas esperavam resultados de exames, esperavam notícias de lugares distantes. Alguns tentavam parar de fumar. Outros pediam um drink, iam à academia, iam para vários lugares em grupos ou sozinhos, não iam. Adiavam. Amados, não amados, tristonhos ou gulosos, tinham um mundo para gente. Asfalto para andar ou girar, uma chave para abrir a porta do apartamento, televisão para assistir à noite, lasanha congelada na geladeira.

Apenas a residência dos Waka pendia num espaço e tempo parados. O sono profundo da mãe parecia ter abraçado toda a casa e seus habitantes estavam envolvidos numa grande maré que penetrava calmamente pelas barbas do pai, no caminho das formigas, no cabelo ensebado de Letícia.

Celestino havia quebrado tantos móveis depois da partida de Ava. Não se preocupou de fazer barulho, rugia como um urso furioso, pisoteou tudo que encontrava pela frente. Quando não tinha mais o que quebrar, trancou com cadeado o portão de sua casa.

A cada tentativa de entender o que acontecia, Celestino perdia uma parte do sono até ficar completamente de olhos abertos durante todos os dias. Seus olhos ficaram totalmente abertos e sugados pelo ambiente que o cercava. Não percebia que suas pernas tropeçavam enquanto andava, que seu corpo tremia de descontrole. Às vezes quase cochilava enquanto sentava para pensar no que fazer. Mas, quando os olhos quase se fechavam, era interrompido por um susto que lhe causava calafrio. Celestino estava acometido pela insônia. A insônia zombava da cara dele. A casa começava a exalar um cheiro tão horrendo, mas muito confortável para as moscas que ali se aconchegavam pela montanha de louça suja e pela quantidade de remelas que os olhos dos habitantes daquela casa produziam. Os troncos das árvores não paravam de crescer e de se contorcerem, formigas e aranhas se proliferavam, pelos não paravam de crescer pelas costas de Jackson, o óleo que o cabelo de Letícia produzia começava a pingar no chão da biblioteca, a barba de seu pai não parava de crescer e sua mãe continuava deitada e doente no sono profundo.

Enquanto todos pareciam rendidos à nova vida daquele lugar sombrio, Celestino ia perdendo toda a razão para a insônia que o dominava. Um dia teve planos de fazer sua família voltar ao normal, mas se esqueceu dos planos, as ideias escapavam porque a insônia o provocava. Seus olhos, apesar de continuarem enormes, pareciam fundos e seu rosto foi ficando amarelado. Não podia ouvir nenhum som vindo do mundo de fora, tudo o sufocava, tudo o desconcentrava. Assim, resolveu fechar todas as janelas da residência. Não queria ser incomodado pelo mundo.

Ficava andando sem rumo. Quando tinha força, dava voltas em círculos no mesmo lugar, subia e descia as escadas. Quando não tinha força ficava imóvel, absolutamente.

Num desses dias, já perdido e confuso com tanta insônia, um pensamento entrou na sua cabeça. Era um pensamento assim: Acho que seria bom cortar as barbas do meu pai, pois deve estar com piolhos. Celestino pegou uma tesoura e subiu para o escritório no segundo andar. Quando viu seu pai com as longas barbas, esqueceu completamente o que fazia ali dentro com tesouras nas mãos. Chamou a atenção uma enorme quantidade de pequenos bichos saltando no escritório, pareciam fazer uma grande festa. Celestino ficou fascinado. Eram dezenas de milhares de piolhos que haviam habitado no escritório do pai. Ele olhou para a tesoura que estava em suas mãos e não se lembrava porque a segurava. Ficou, durante muitas horas, apenas olhando quantos piolhos pulavam da gigantesca barba de seu pai. Sua barba havia crescido tanto que, quando chegou a encostar no chão, começou a dar voltas. A barba passou por debaixo da mesa onde estava o gato Nino, passou pelas prateleiras onde estavam os livros, tampou toda a vidraça da janela e voltou para o pai do Celestino. A barba enrolou-se pelos seus pés, ia subindo pelos joelhos e em breve ia fazer com que tudo que estivesse no quarto desaparecesse, inclusive seu pai. Os piolhos que adoravam a situação, afinal estavam construindo o grande, o maior império, de piolhos jamais visto.

Celestino olhou tudo aquilo e se esqueceu porque estava ali. Mesmo que forçasse seu pensamento, a insônia não deixava ele livre, o confundia. Então depois de tanto apreciar os piolhos saiu do quarto para procurar alguma coisa mais útil para fazer.

Os olhos do pai de Celestino estavam quase encobertos com tanta barba e piolho, mesmo que estivesse com olhos abertos em pouco tempo não enxergaria mais.

O garoto que estava com o corpo cambaleando por causa do peso da tesoura que o puxava para o lado direito, foi andando e procurando um lugar onde pudesse guardar a tesoura. Não conseguia se lembrar onde havia pegado o objeto. Poderia deixar no chão, já havia tanta coisa espalhada e esparramada. Para ser bem franco, Celestino achava que uma boa organização era realmente ter coisas bem espalhadas, bagunçadas e mal cheirosas. Até porque a insônia fazia com que ele esquecesse algumas coisas aprendidas quando criança. Mesmo assim, ainda restava um mísero fiapo de sobriedade e ele parecia estar disposto a tentar.

— Letícia! — gritou Celestino. Gritou e levou maior susto com seu próprio grito. Parecia um grito pulado e escapado da sua boca. Estranhou ouvir sua própria voz.

— Le-tí! — gritou de novo. Dessa vez com mais dificuldade. Estava perdendo a força da voz. Parecia que a língua estava solta na boca. Tinha que pensar muito para falar. E pensar o que se quer pode ser muito difícil, assim como falar o que se pensa também pode ser muito complicado.

Foi descendo em busca da irmã. Afinal, ela sempre soube onde guardar os objetos da casa. Era isso: Celestino queria guardar a tesoura.

Entrou na biblioteca. Não ficou surpreso quando teve que tentar patinar naquele lugar. O óleo que o cabelo de sua irmã produzia havia escorrido pelo chão de tal maneira que todo o chão havia ficado engordurado. Letícia estava sentada em cima de uma mesa com um livro e um copo sujo na mão.

— Letícia, você quer uma tesoura? — Novamente Celestino esqueceu o que fazia ali na biblioteca. Esquecendo-se inventou uma frase.

— Quietos, Celestino! Estou lendo!

— Que livro?

— Não sei! Quietos!

Celestino estava muito fraco para ficar patinando no óleo de um lado de outro. Precisou sair da biblioteca.

Não sabendo o que fazer com a tesoura, resolveu procurar alguma coisa para cortar na floresta que tinha crescido do lado de fora de casa.

Era uma floresta bem escura que aliviava Celestino. Assim, ele não precisava enxergar muito. Quando sentia que na casa entrava luz por alguma fresta, ficava perdido e irritado. A luz iluminava muita coisa ao mesmo tempo e enxergar muita coisa junta era muito desgastante para Celestino.

Na floresta viu Jackson rolando e correndo. Se tivesse um rabinho estaria balançando na certa. E, bem nesse momento, eis que um trocinho fura a roupa suja e mal cheirosa de Jackson. Era realmente um rabinho que ficava balançando de um lado para o outro. Jackson começou a cheirar o chão e saiu correndo atrás de uma enorme formiga.

Celestino começou a puxar o ar com força. Inspirava e expirava com força, rápido. Parecia que o ar no mundo ia acabando. Saíram lágrimas de seus olhos e nem sabia o motivo. Seu corpo tinha uma vida esquisita. Estava fraco. Mas quanta lágrima produzia. Precisava de ar. De ar. Largou a tesoura no chão, sentou ali mesmo e seus olhos rodaram. Por um momento sonhou que estava dormindo, mas sonhou de olhos abertos porque não conseguia dormir. Os olhos não se fechavam. Sentia uma dor que não conseguia identificar.

Por muita sorte ouviu alguém gritando seu nome.

— Celestino!

Há tanto tempo não ouvia ninguém o chamando. Se esqueceu da falta de ar. O choro secou.

Levantou-se do chão.

— Celestino!

A voz não parava de gritar e chamar seu nome. Celestino ficou agitado e começou a dar em voltas em círculo do seu próprio corpo. Ficou zozado, queria encontrar a voz.

— Celestino!

Finalmente conseguiu escapar das voltas que seu corpo fazia. Foi seguindo pela floresta, esbarrando em troncos, pisando em aranhas.

— Celestino!

Ele correu e correu, sua língua tinha ficado para fora. Os olhos estavam mais abertos do que nunca. Correu com uma energia nova que seu corpo tinha inventado. Sem enxergar, correu e deu de cara com um portão. Era o portão da sua casa que havia sido trancado com cadeado.

— Celestino!

A voz vinha do lado de fora. Seu coração pulava doido. Ficou quieto.

— Eu sei que está aí, Celestino!

O garoto não tinha coragem de responder e, por um buracinho que tinha no portão, resolveu espiar.

### 3.1.18 Capítulo XVIII

Ficou hipnotizado pelo que viu pelo buracinho do portão. Um homem que nunca tinha visto estava parado, esperando alguém responder seu chamado. Suas mãos eram grandes e seu corpo era forte, pescoço firme. Estava ali com muita decisão.

— Celestino! — gritou o homem e, dessa vez, o ouvido de Celestino até tremeu.

O homem começou a fazer um barulho com a garganta como se estivesse tentando engolir alguma coisa, talvez a própria saliva. Ele começou a ficar meio impaciente e, enquanto tentava olhar o que estava atrás do muro da residência, precisou colocar as mãos na boca, parecia que alguma coisa ia sair da boca dele. O homem ficou furioso, as veias de seus olhos saltaram e ele se virou ficando de costas para o portão.

Celestino continuava olhando em silêncio absoluto quando o homem deixou sair de sua boca uma enorme cobra. A cobra, que tinha muitas cores, parecia querer se espreguiçar. Ela saiu da boca do homem e ficou se contorcendo, mas não ia embora porque, de alguma forma, ela estava presa na garganta do homem. O homem a deixou se mexer um pouco, mas depois engoliu a cobra de novo. Ele pareceu bastante aliviado e voltou seu corpo para o portão da residência.

— Celestino!

Pelo buracinho do portão, Celestino tentou olhar dentro da boca do homem para ver se via cobra.

— Celestino!

Não, não conseguia ver cobra nenhuma.

O homem parece ter percebido finalmente a presença de Celestino tão perto.

— Esta aí, Celestino? — falava o homem de forma muito mansa.

Celestino, atordoado e de olhos bem arregalados, pensa em fugir, mas aquela voz chamando pelo seu nome o fazia ter uma curiosidade louca.

— Olhe, rapaz, eu tenho mais o que fazer. Estou aqui por um motivo que é do seu interesse e do interesse da sua família também! Mas já que prefere ficar escondido, vou-me embora.

No momento em que o homem virou seu corpo de costas para o portão e simulou sua partida, ouviu o ranger do portão se abrindo.

Celestino não estava completamente de pé, nem tão pouco agachado. Seu corpo parecia dependurado por uma linha fina que saía de sua coluna, como se fosse uma marionete com seus pés na diagonal, quase virados para dentro, e seus braços soltos e pesados demais, por isso não conseguia ficar completamente ereto. Seus olhos imensos mostravam pavor. Pavor de ouvir alguém chamando seu nome depois de tanto tempo no silêncio de seu mundo. Pavor por estar com a cara de frente para a rua que não via mais e, principalmente, um medo fora do comum por encontrar um homem que sabia de sua família.

— Ah, finalmente! Já estava de saída, rapaz.

Celestino recua o corpo dando indícios que não pretende ultrapassar o portão de entrada.

O homem, sem cerimônia nenhuma, atravessa o portão que depois é trancado novamente por Celestino.

Por um momento, parece que o homem esquece da presença de Celestino. Ele fica fascinado com o cheiro daquela floresta, seu pequeno nariz parece fungar tudo que ali reina: plantas misteriosas, pedras cheias de musgos, ruídos de animais esquisitos, quantas criaturas aquele homem pôde sentir com apenas uma fungada.

— Então é aqui?

Celestino ainda não diz nenhuma palavra. Não sabe por onde começar. Tinha perdido o costume de falar, ainda mais com desconhecidos. Não sabia mais formular tantas perguntas como antes. Estava doido de tanta confusão. Esqueceu-se até de que estava dominado por uma insônia fenomenal.

— Você quer saber o que me trouxe aqui? — pergunta o homem dando petelecos nas plantas em volta, quando avista uma aranha peluda e gigante se aproxima encantado. Ele aproxima seu dedo fino da aranha que, imediatamente, passa pela sua mão seguindo o braço até chegar no ombro do homem.

— Mas que graça! Ela parece gostar de mim, não acha Celestino? E você? Gosta dessa aranha?

Celestino fica atordoado com a pergunta e tem vontade de rosnar de raiva sem saber direito o porquê. Finalmente consegue juntar muita força e concentração para perguntar:

— O que está fazendo aqui?

— Agora sim, seu juízo está voltando. Você não quer me levar para sua casa? Assim podemos conversar melhor. Eu sei o que se passa com sua família, aliás, o que passou... — O homem pega com muita delicadeza a aranha que está em seu ombro e a coloca de volta no chão. A aranha sai correndo e se esconde floresta adentro.

Celestino, como uma fera cansada, começa a caminhar e, sem dizer nada, faz sinal para o homem segui-lo. No caminho de volta para a casa, Celestino precisou parar diversas vezes porque o homem queria observar com muita atenção cada trecho do trajeto. E toda vez que sentia a terra úmida sujar seus sapatos dizia: Ah, que coisa inacreditável!

### **3.1.19** **Capítulo XIX**

Já no interior da casa, Celestino oferece um pedaço de uma poltrona para o homem sentar. A casa estava tão atolada de flores secas, moscas e objetos desordenados que foi até sorte encontrar aquele pedaço de poltrona.

O homem que não era dos mais magros conseguiu se ajeitar naquele pedacinho de espaço com muita satisfação.

Celestino ficou sem saber se sentava no chão ou se ficava de pé mesmo. Fazia muito tempo que não era convidado para uma conversa desse tipo. Ficou com os olhos perdidos e começou a ver umas coisas antes nunca notadas, como, por exemplo, moscas de tamanhos tão diversos. Talvez fosse pela porta da entrada que estava aberta depois de tanto tempo, uma luz fraca e nublada entrava iluminando a sala. Celestino reparou, inclusive, que pequenas minhocas andavam em fileira na parede. Até se esqueceu da presença do homem por tanta coisa que havia descoberto na sua casa com seus próprios olhos. À medida que observava as coisas, seu pensamento lhe dava um forte puxão, tinha se esquecido como era olhar e pensar.

— Então, rapaz, olhe aqui.

Celestino voltou seus olhos para o homem que parecia estar muito tranquilo no pedacinho de espaço da poltrona.

— Você é um rapaz jovem, forte e corajoso. Está na hora de seguir viagem, não acha?

— Viagem para onde? — Celestino não tinha esquecido como se fala, ele apenas tinha perdido o costume. Seu corpo ainda estava pesado, mas mesmo assim as palavras começaram a sair fáceis, escapolidas e leve. Quase sentia cosquinha na língua quando falava.

— E eu não sei, rapaz? — O homem olhou em volta e chamou Celestino para perto, como se quisesse contar um segredo. — Eu sei daquele seu sonho antigo.—O homem soltou uma risada muito simpática.

— Meu sonho?

— Aquela viagem, não lembra? Você não queria fazer uma viagem para longe?

— Aquilo faz tempo. Eu queria fazer sim. — Celestino puxou o fio da memória e lembrou quando seus pais o proibiram de sair da cidade antes de ir para a universidade. Ele suspirou confuso. Fazia tanto tempo, que não lembrava das coisas, certas palavras que nem sabia que ainda existiam.

— Mas não quero mais viajar.

— Não quer? — o homem ficou um pouco sério, mas só um pouco.

— Você queria encontrar respostas, não quer mais?

— Não.

— Você queria entender o porquê se sentia tão diferente, não quer mais?

— Não.

— Mas que menino tolo! Causa desgraça por onde passa e ainda se acha no direito de se isolar em seu castelo!

Celestino sentiu seus olhos se abrindo, como se estivessem sendo rasgados pelo sentimento de dor que estava entalada. O pesadelo do passado invadiu sua fraca existência. Todo esquecimento tinha ido embora. Viu sua mãe passando por aquela sala, de cabelos bem arrumados num coque, aquele olhar fraterno, calmo e desesperado de amor pela família.

— Minha família não acha que eu...

— Sua família não acha, realmente garoto, não acha porque eles não estão em condições de achar nada.

Celestino começou a rodar que nem peão doido na sala, não conseguia mais entender o que aquele homem ali fazia, não podia compreender mais nada, estava possuído de tanta insônia e dor, até que conseguiu perguntar baixinho:

— Mas o que o senhor quer?

— Eu preciso saber o que você quer, porque a partir daí podemos chegar num acordo. Mas pelo visto o garoto está bem satisfeito com a vida que leva...

— Eu não queria... — Celestino parecia ir diminuindo de tamanho à medida que a dor aumentava, algumas lágrimas escorriam do seu rosto. Mas ninguém podia notar, nem mesmo Celestino, já que suas lágrimas eram secas feitas de ar.— Eu não queria que as coisas fossem dessa forma.

O homem suspira e leva os olhos para o alto, como se estivesse pedindo paciência.

— Que forma, garoto? As coisas são como são.

— Eu não fiz nada para isso acontecer. Tudo que aconteceu... — Rolam as lágrimas secas do rosto de Celestino que perde a capacidade de encontrar palavras para demonstrar seu vazio. —Tudo aconteceu assim, do nada. Tudo acontece assim, do nada, ou é culpa minha? O que fiz para merecer isso? — Celestino se lembra dos amigos que perdeu, dos almoços em família, da brisa fresca que vinha do jardim da sua casa, sensações que perdeu, até do sorriso de Ava. Tudo tinha ido embora — Por que aconteceu?—Celestino sente-se pressionado por uma grande montanha de sentimentos assustadores.— Eu não queria isso, eu juro que nunca fiz nada para essas coisas acontecerem...

— Eu não estou aqui para ouvir seus juramentos!—O homem deu mais longo suspiro. Tinha ficado impaciente e quase se levantou, mas depois se acalmou novamente. — Vem cá, garoto. Vem cá, garoto.

Celestino se contorcia por dentro e fora, tamanha a desgraça que estava seu pensamento. Tanta desgraça por onde ele passava, é claro que a culpa só podia ser dele. O homem continuava chamando Celestino baixinho para seu colo, como se Celestino fosse realmente um bichinho assustado.

Ele deitou a cabeça no colo do homem e seu choro seco saía cada vez com mais força.

— Eu sei, eu sei. Calma, garoto. Calma... — O homem passava as mãos no cabelo de Celestino. — Perder as pessoas de quem se gosta é triste, muito triste,

mas você acha mesmo que sua família pode ser como antes? Quando acontecem coisas assim, é preciso seguir...

— Eu não quero seguir. Para onde?! — Celestino agora sentia dor por causa da insônia. Tinha passado tanto tempo sem dormir que apenas com o movimento de encostar sua cabeça no colo daquele homem o fazia rodar de dor, quase sentia vontade de cochilar ali mesmo.

— A primeira coisa que você precisa é se livrar dessa casa e conseguir algum dinheiro. Ora, você não sabe, mas no mundo lá fora as pessoas precisam de dinheiro para fazer qualquer coisa, ainda mais viagens. Pelo menos se quer fazer aquela viagem que sempre quis. Para se fazer boas viagens é preciso ter algum dinheiro... — Enquanto o homem falava, sua mão fazia carinho nos cabelos de Celestino como se fosse uma mãe.

— E para onde eu iria?

— Você é esperto, garoto. Nem percebe mais isso. Precisa abandonar o passado de vez.

— Mas posso causar mais desgraças por aí. Não quero mais isso. Melhor eu ficar aqui longe de todos e esperar minha família, quem sabe eles voltam como antes.

— Onde você aprendeu a ser tão bobo? Será que você não entende que sua família prefere lhe ver longe depois de tudo que causou a todos? Desde aquele acidente, seus pais sabiam que corriam perigo com você por perto.

Celestino se levantou e com moleza no corpo levantou a cabeça.

— Ava. Onde está Ava?

— Aquela menina estúpida?

— Por que estúpida?

— Ela não é uma mentirosa?— perguntou o homem com um sorriso nos lábios.

— Ela contou uma história para tentar me consolar. Acho que foi só isso.

— Ela te contou uma história para te enganar, não foi? A verdade do mundo são as coisas como são, rapaz. — O homem que estava sorrindo começa a rir cada vez mais alto. — Cada uma que aparece!

Celestino fica olhando para o homem, chegando a admirar sua sabedoria. Ele realmente entendia muitos acontecimentos, assim parecia.

— Ava mentiu para você, sua família não existe mais. O que você vai fazer com isso?

Celestino, que estava de cabeça baixa, encarou o homem.

— Eu vou embora.

— Vem cá! — O homem lhe deu um forte abraço. — Eu sempre soube que teria coragem de continuar, mesmo que sozinho. Você é esperto!

— E quem vai ficar com a casa? — perguntou Celestino, já sem lágrimas secas no rosto, respirando ofegante, pois aquela conversa tinha lhe sugado o pouco da energia que ainda lhe restava.

— Eu estou acostumado com isso, rapaz. Minha missão é dar liberdade para desgraçados que causam desgraças como você. Eu tomo conta da casa.

— E minha família?

O homem teve uma vontade de rir, mas se controlou.

— Sua família continuará do jeito que está.

— E se minha mãe voltar do sono profundo?

— Eu mando te chamar. — O homem começou a ficar impaciente com tanta pergunta.

— Você pode, pelo menos, aparar a barba do meu pai, e lavar o cabelo da minha irmã. Eu não tive tempo de fazer. De vez em quando você precisa ir lá fora ver o Jackson, porque ele...

— Garoto, olhe para mim.

Celestino ficou olhando.

— Olhe bem para mim! Você acha que preciso de instruções para cuidar da barba de alguém ou mesmo de instruções para lavar cabelo e cuidar de meninos?

Celestino reparou no homem. Nesse momento, uma grande mosca pousou em seu ombro. O homem tinha a barba aparada e reta, parecia não ter óleo escorrendo na pele, suas unhas eram curtas, sua camisa marrom só tinha tecido, sem farelo nenhum. Ia lembrando de um pensamento, sua mãe falava sobre uma coisa chamada limpeza e chegou à conclusão de que aquele era o homem mais limpo de todos os tempos.

— Não, você não precisa de instruções. — respondeu Celestino.

O homem se levantou de seu pequeno espaço de poltrona e foi se posicionando para ir embora. Estava muito satisfeito.

— Amanhã, vá até a estação central. Lá você verá o maior relógio da cidade. É preciso olhar para cima para encontrá-lo. Quando encontrar o relógio, vire à direita e siga o cheiro.

Celestino pensava sobre as palavras “amanhã”, “para cima”, “direita” e “cheiro”. Ficou doido de confusão, mas não disse nada.

— Você foi esperto, garoto. Não há motivo para continuar nessa sua condição. Viva, viaje, descubra o mundo! Não se importe mais com nada. Cuide de você!— o homem deu um tapinha nas costas dele. — Amanhã assinaremos o contrato de venda da casa e você finalmente estará livre para seguir.

### 3.1.20 Capítulo XX

Celestino estava no segundo andar em seu quarto. Estava procurando alguma coisa, não se lembrava mais o que era. Ficou entalado no meio de uma grande trepadeira de planta que havia entrado pela janela. Sem saber o estava procurando, desistiu de tentar lembrar. Começou a circular pela casa tentando calcular quanto tempo deveria esperar para chegar “amanhã”, onde o homem lhe esperaria. Seus olhos esbugalhavam e nem percebia.

Não sabendo o que esperar e o que fazer, seguiu em direção ao portão de entrada da casa. Passou pelo corredor do segundo andar ignorando as portas fechadas. No primeiro andar só avistou aquele mesmo caminho de minhocas que subia pela parede. Passou pela sala, trombava em um objeto ou outro, mas não ligava, ia seguindo. Passou pelas moscas e formigas. Lá fora ia tropeçando em algumas pedras, de vez enquanto trombava em um imenso galho. Chegou ao portão, abriu e saiu. Saiu.

Sorriu com a simplicidade do gesto. Celestino ganhou a rua e esqueceu que quando as pessoas se preparam para uma viagem elas levam uma mala. Se esqueceu também de se despedir da sua família, tamanha a confusão mental. A insônia continuava a zombar da cara dele.

Depois de alguns minutos caminhando, se deu conta que estava no meio da rua. Quase tinha sido atropelado por um carro. A sorte é que o carro parou e o homem que dirigia, enfurecido, colocou a cabeça para o lado de fora para gritar:

— Sai do meio da rua, seu maluco!

As pessoas que estavam em volta olharam para Celestino e para aquele momento. Todos fizeram gestos de reprovação com a cabeça.

Ele se lembrou então que nas ruas existem calçadas, claro. Foi para uma e seguiu em direção à praça. Na praça passavam muitos ônibus para vários cantos da cidade. Há algum tempo de muito longe tempo, Celestino dominava todos os trajetos, estava sempre indo e voltando. Agora, apesar dos imensos olhos, ficou atordoado com a quantidade de gente, carros, ônibus, cores, espaço de ar, quanto ar para respirar. Ele só conseguia puxar um pouco pelos buraquinhos do nariz.

Subiu no ônibus que tinha muitas pessoas dentro e lá ficou sem saber se respirava pouco ou muito. Estava tudo descontrolado no seu corpo. Alguns conseguiam dormir encostados na janela de vidro, mesmo que o motorista do ônibus corresse tanto e sacolejasse pelas ruas da cidade. Celestino ficou mudo o tempo todo. Algumas pessoas se afastavam dele. Seriam seus olhos esbugalhados ou seu mau cheiro que afastavam?

Um rapaz de mochila nas costas esbarrou nele. A mochila parecia pesada e Celestino sentiu até doer com o movimento brusco do rapaz que o olhou rapidamente. Num espaço pequeno de tempo se olharam como se já se conhecessem, como se já tivesse conversado em algum momento dessa vida. O rapaz ficou a observar Celestino, que abaixou a cabeça rapidamente como um bicho assustado. Mas o rapaz seguiu adiante feroz com sua mochila. Tinha pressa, estava indo para a faculdade. Aquela mesma que Celestino frequentou um dia. Mas Celestino nem se lembrava disso.

Depois de o ônibus dar muitas voltas, muitas voltas mesmo, chegou num lugar chamado ponto final. O motorista e o trocador saíram do ônibus juntos com alguns passageiros. E Celestino ficou em pé, imóvel ali dentro sem saber o que fazer até alguém barrigudo com uma prancheta na mão gritou do lado de fora:

— Ei, moleque! Ponto final. Tem que descer!

Celestino então correu assustado, enxotado. Saltou do ônibus e avistou um imenso relógio que ficava no topo de um prédio muito alto. Imediatamente se lembrou das coordenadas do homem. Finalmente foi conseguindo controlar sua respiração. O ar daquele lugar tinha um cheiro tão podre que ficava mais fácil respirar, não precisava puxar tanto ar, só um pouco. E foi andando e, sem perceber, foi sendo levado pelo aroma do ambiente.

Sentiu alívio por não ter que fazer muito esforço. Naquele lugar tudo era tão desordenado. Pessoas gritando, outros dormiam no chão, os carros passavam devagar devido ao tumulto de gente, buzinaavam e as pessoas que ouviam a buzina respondiam com gritos. Ninguém se lembrava da existência dos sinais de trânsito, das latas de lixo. Todas as pessoas faziam o que tinham vontade na hora que bem entendessem sem se preocupar com o imenso relógio do prédio.

Um homem grande e forte passou por ele com uma saia curta, uma peruca longa, um copo de plástico na mão. Passou por Celestino chorando, procurando alguém. Possuía os olhos esbugalhados, aqueles olhos vidrados para fora. Chorava e procurava, mas não olhava, nem reparou a presença de Celestino.

Tinha chegado à terra dos olhos esbugalhados onde todos pareciam estar sob o domínio da zombeteira insônia. Ali sim, o ar era deliciosamente sujo e marrom, o ruído de lamúria e dor fazia a trilha sonora das prostitutas e vagabundos. Todos de olhos tão cansados e enormes. Gatos malhados, cachorros com berne, pastéis de carne moída com molho de pimenta.

A calçada servia de sala de estar. Grupos de homens sem conversar, apenas olhando, usufruindo o tempo parado, nada para fazer, nada para pensar, nada para depois. Os que dormiam sem cerimônia em cima de papelão possuíam a insônia mais profunda de todos, porque, apesar de estarem de pálpebras fechadas, a insônia os perseguia com sonhos tão enormes impossíveis de causar descanso.

Mas isso era o grande alívio. A rua era de todos. A vasta rua com seus bueiros fedorentos, pequenas baratas que sacolejavam para cima e para baixo na maior alegria e Celestino no meio da rua sentiu uma alegria indefinida. Era como estar em casa.

Nem precisou perguntar como chegar à casa do homem que procurava. Seguiu seu faro e instinto. Foi andando por uma pequena rua ocupada de gente, nenhum carro, ninguém para gritar com ele, quanto alívio.

Desceu uma pequena escada espremida e no fim dela a porta de madeira estava aberta. O homem parou de cuidar do que estava fazendo para receber Celestino:

— Chegou mais cedo do que pensava! Vamos entrando, por favor!

— oi muito fácil chegar. — disse Celestino tentando recuperar aquele esforço que se faz para encontrar palavras.

— Isso mostra sua inteligência, não é qualquer um que consegue chegar.

Celestino se sentiu especial.

— Aceita um amendoim?

Amendoim. Quanto tempo não ouve essa palavra. Celestino nem lembra o que é um amendoim.

— Aceita um amendoim? — pergunta o homem novamente.

— Por que não? Um am, am, mendoim. Aceito — Celestino atropela sua língua.

O homem sai da sala em direção a uma porta que dá para um outro cômodo. Volta com um pequeno recipiente de plástico e um copo.

— Aqui está.

— Isso que é o am, am, hã. — Celestino esquece da palavra.

— Amendoim. Você comeu amendoim a vida toda, garoto. E água também, para não se engasgar. — O homem ri achando suas palavras muito engraçadas. — Você trouxe as chaves da casa?

— Hum?

— As chaves da casa, garoto? Trouxe?

— Ah, tá. Trouxe. Estão aqui. — Celestino tirou a chave do bolso e ficou com ela em sua mão direita. Com a esquerda coloca a mão no recipiente de plástico. Sente algo fazendo cócegas na sua mão.

— Pode me passar então, vamos logo ao contrato. — O homem tirou de debaixo da mesa uma enorme sacola. — Aqui está.

Celestino acha muito peculiar aquele tipo de amendoim: geladinho e vivo, ainda por cima.

— E o que vou fazer mesmo com isso? — Celestino continua segurando a chave com uma mão que está agora suada e oleosa. A outra está melada de amendoim. Colocou dois de uma vez na boca.

— Aqui está o dinheiro. — O homem deixa transparecer seu olho esbugalhado, quase deixando sair de seu estômago a cobra agitada.

— O dinheiro?

O homem respirou fundo buscando paciência, acalmando o corpo, engolindo a saliva.

— Meu rapaz, você me passa as chaves da casa e eu te passo o dinheiro, não era esse o combinado?

Celestino ri alto, se dá conta do seu esquecimento.

— Mas é claro! O dinheiro e a chave da casa. — Permanece com a chave, o amendoim desceu pela garganta escorregando, fez cosquinha no corpo todo.

— Quer me passar a chave? — pergunta o homem novamente.

Celestino roda os olhos um pouco naquele lugar. Ultimamente precisa pensar e repensar tanto. Solta um ar de alívio.

— Aqui está a chave.

O homem pega rapidamente a pequena chave que Celestino deixa em cima da mesa.

— Muito bom, não é? — O homem guarda a chave no bolso.

Fazia tempo que Celestino não experimentava uma sensação tão agradável pela boca. Já tinha colocado na boca uma meia dúzia dos pequenos amendoins vivos goela abaixo. — Pode levar tudo. Leva o pote, leva tudo.

— Mesmo?

— Com certeza, rapaz. — O homem se levanta conduzindo o rapaz até a porta de saída. Leva junto uma prancheta e uma caneta que está amarrada por um barbante na própria prancheta.

— Preciso apenas que assine aqui.

— O que devo assinar? — Celestino está com os olhos ocupados em cima da tigela de amendoins.

— Certamente o seu nome de batismo.

Nome de batismo.

— Meu nome de batismo, claro.

Celestino assina seu nome e depois de alguns segundos está na escada que precisa subir para estar novamente na rua. Ele carrega apenas uma tigela de amendoim.

### 3.1.21 Capítulo XXIII

Na terra dos vagabundos, tudo é uma grande maravilha. Celestino anda por lá vitorioso com seus amendoins. Seus olhos parecem enxergar tudo com muita vivacidade. Consegue até trocar palavras muito bem formadas com algumas pessoas que fazem ponto em frente ao bar do chinês.

— O que você tem aí, menino?

— Nada que te interessa. — Celestino coloca o pouco do amendoim que resta no bolso da calça. — Aliás, tenho uma tigela, você quer uma tigela?

— Garoto idiota — diz a mulher.

— E o que você tem aí no seu copo?

— Não é dá sua conta. — retruca a mulher muito interessada no que Celestino carrega no bolso.

— Vamos trocar. — Propõe Celestino.

— Eu te dou uma. — A mulher avança com mãos e olhos para Celestino. — Êpa! Só uma. — Celestino tira um amendoim do bolso e entrega para a mulher. — E você me dá um pouquinho do que tem nesse copo. — Ele pega o copo e derruba um pouco do líquido em sua tigela.

— Espertinho... — A mulher come o amendoim.

Os dois dão risadas em frente ao bar onde vende-se de tudo um pouco.

Celestino dá um soluço e cai na gargalhada.

— Você mora aqui? — pergunta a mulher com olhos cheios de pequenas veias que saltitam.

Celestino dá um soluço depois de dar uma golada. Seus olhos ficam cada vez maiores. É impossível perceber o efeito da insônia.

— Tô morando aqui.

— Miserável.

— O que é miserável? — pergunta Celestino.

— Você. Só meu deu um amendoim.

Celestino saiu andando e deixou a mulher encostada na parede do bar. Não ia perder tempo com ela, uma miserável que nem ele.

O sol ia e voltava, a noite ia e voltava. Às vezes chovia, outras vezes não. Fazia tempo que Celestino tinha comido seu último amendoim. Ficava na lembrança apenas aquele sabor gelado e vivo. Tinha tentando procurar o homem, mas a porta que ficava embaixo da escada espremida entre os dois prédios estava trancada. Rodou a maçaneta centenas de vezes, e depois de falhar na tentativa de abrir a porta com delicadeza deu alguns chutes e socos com a pouca força que tinha. Nada adiantava e seu desespero logo ia embora porque, depois de um tempo tentando abrir a porta, a insônia o convidava a se esquecer de tudo. Nem lembrança de amendoim, lembrança vazia até uma mosca aparecer e o convidar

para a rua. Subiu de novo as escadas e lá estava novamente no meio de toda aquela gente esparramada.

Andava e depois parava para se juntar a algum grupo de pessoas que ficava matando tempo na calçada a respirar e expirar aquele ar fedorento, mas que confortava todos que ali viviam. Alguns cachorros se aproximavam do grupo, essas pessoas davam risadas sobre o nada, outras ficavam contemplando o caminhar perdido de ratos e pernas de mulheres. Celestino se distraía.

Depois de muito respirando e expirando o pouco ar que entrava por suas pequenas narinas, Celestino se chateava e se lembrava novamente do sabor do amendoim gelado e vivo. Era aí que conseguia ter força e lembrança para correr novamente até a porta que ficava embaixo da escada espremida entre os dois prédios. Porta trancada. Celestino rodava a maçaneta duas centenas de vezes até depois esmurrar com socos e chutes até que, depois de exausto, se esquecia novamente o que fazia ali. Uma mosca começava a rodear seu pescoço até levar Celestino novamente para a rua.

Assim o tempo passava nessa terra vigiada pelo grande relógio que ficava a poucos metros de distância do prédio mais alto da cidade.

Celestino se apoiou no balcão do bar que vendia de tudo um pouco, inclusive pastéis recheados de carne moída. Uma televisão ligada estava pendurada no alto da parede e muitas notícias saíam dali. Médicos fazem operações com furadeiras, agulhas são encontradas no estômago de um menino de cinco anos, chuvas alagam cidades, grupos de jovens fazem rebelião de protesto contra ditador. Celestino assistia de boca aberta. Não que estivesse interessado ou pasmado com as notícias, apenas porque, depois de tanto tempo em uma mesma posição, sua boca pesava mais do que tudo.

Um velho ao seu lado colocava pimenta no pastel.

— Isso parece um circo. — disse o velho enquanto colocava molho de pimenta no pastel.

— Parece? — perguntou Celestino encostado no balcão sem olhar diretamente para o velho.

— No meu tempo não era assim. — Continuou o velho.

— Mas você está em que tempo? — perguntou Celestino ainda hipnotizado pelas imagens que passavam rapidamente pela televisão.

— Eu ainda sou desse tempo, mas estou falando do outro tempo, do tempo que vim. — O velho deu uma mordida no pastel deixando escorrer um pouco do molho de pimenta pelos cantos da boca.

Celestino foi atingido pelo comentário do velho com certa confusão. Fez força com os olhos que era para engatar o cérebro congestionado e exausto.

— Então, do tempo que veio... Como era?

— Era um tempo longe. Não consigo lembrar completamente, afinal, aqui estamos na terra dos infiéis. Depois de passar por aquele circo— O velho aponta para a televisão — O destino de todos eles é aqui.

— Infiéis? — Celestino olhou para o velho que se deliciava com o pastel.— Você, por acaso, é daqueles malucos que se encontra por aí?

— Vai ver eu sou. — O velho nem dava confiança para o meninos, comia o pastel com prazer infinito.

Os dois ficaram em silêncio no balcão do bar. As atendentes corriam para atender os outros pedidos, a televisão continuava a falar.

— Então, você veio para ficar? — pergunta o velho, depois de ter comido o último pedaço do pastel.

— Acho que sim, não sei ainda. Estou deixando levar, sabe? É melhor assim, deixar levar! — disse Celestino com certa satisfação.

— Teve um dia que pensei assim também. Ainda penso, na verdade. Estou há muitos anos deixando levar. A única coisa que não deixo de fazer é comer esse pastel todo dia.

— E amendoim, você come? — perguntou Celestino, se recordando novamente daquele sabor vivo e gelado. Seu estômago começava a fazer barulhos estranhos.

— Amendoim de jeito nenhum. Amendoim causa espinha.

— Mas velho não tem espinha. Além de velho você é mentiroso?

— Mais ou menos. Não posso falar agora.

— Por quê?

— Porque preciso ir ao banheiro.

— Escuta, antes de vim para cá, eu também estava no circo?

— Mas é claro que sim. — O velho se levanta com dificuldade e começa a andar em direção à porta.

Celestino se levanta e o acompanha.

— Deixa eu ir com você?

— De jeito nenhum.

Celestino faz uma cara de menino rabugento e volta para o balcão observar o circo que a televisão transmite.

### 3.1.22 Capítulo XXIV

Alguns asteroides passam perto do globo terrestre sem que nenhum ser humano possa notar. Grandes aparelhos tecnológicos são inventados e produzidos. Todos querem espiar tudo, dentro do corpo onde pequenas partículas crescem e se transformam, ou mesmo fora do corpo terrestre, onde poeira roda sem parar num mistério sem fim. Alguns asteroides continuam a passar despercebidos mesmo que a maior de todas as máquinas seja inventada para captá-los.

Uns dizem que a temperatura ambiente da Terra está muito quente. Nunca antes houve tanto calor. Já outros falam do frio. Certamente é o aquecimento global, muitos opinam. De fato, os homens tentam entender e estender sua passagem pelo lugar chamado mundo. Assim, podem correr ou não para chegar a um lugar seguro, mesmo que esse lugar não seja garantido: é para o futuro que seguem.

Ouvir, cheirar, tocar, lambar e ver. Os homens exploram essas cinco ferramentas. Podem ser chamadas de cinco sentidos. Os sentidos são para tudo que é visível e palpável. Apenas quando o incabível surge pelas frestas dos segundos, os homens suspeitam de algo tremendamente assustador e maior. O incabível é sempre aquela parte que não pode ser testada pelos cinco sentidos.

Assim, muitos perdem sono e memória, os cinco sentidos ficam tão falhos, os sentimentos se tornam largamente malucos, o cotidiano passa como uma gigante máquina de compressão. O dentro e o fora, o corpo humano e o vácuo infinito e escuro correspondem a um XXXX. Não existe alívio ou desespero. Os tempos, os sonhos, as realidades formam um grosso caldo que transborda invisível pelo corpo, invisível como os asteroides.

Suspendeu a ação dos cinco sentidos sem deixar um só fragmento deles. Olhos sem tato, tato sem olhos, ouvidos sem tato e olhos, olfato sem os outros sentidos hamlet.

### 3.1.23

#### Capítulo XXV

Celestino vagava pela rua tropeçando ao acaso das vontades do momento.

— A terra dos infiéis. — diz ao vento e em voz alta, reproduzindo o velho que encontrara mais cedo.

— Você sabia que estamos na terra dos infiéis? — perguntou para um cachorro que passava desanimado e ignorando suas palavras.

— Pois na terra dos infiéis... o que tem terra dos infiéis? — Celestino parecia se distrair com o jogo que fazia com sua língua. Dizer e repetir. Praticava e testava as palavras sem buscar resposta. — Infiéis, fiéis, infi.

— Oh, garoto! — Uma voz vinha do alto direcionada a Celestino, mas ele nem podia perceber. Tantas vozes vinham de tantos lugares. Tanto burburinho, tanto passar de gente, cachorro e ratos.

— A terra dos infiéis. Pois é! — diz Celestino se aproximando da mulher que está sempre encostada em alguma parede, os olhos fundos e cansados, usava um shorts de lycra, exibia sua perna com manchas roxas e segurava um copo de plástico. Mais cedo, a mulher havia tentado prender o cabelo num rabo de cavalo, mas sua tentativa havia fracassado, já que os fios secos apontavam para todos os lados.

— Não é? — perguntou Celestino quase no ouvido da mulher.

— Qual é, hein garoto? Está me achando gostosa?

— Eu só queria saber se você sabe que a gente está na terra dos infiéis.— perguntou Celestino, zozzo de insônia e cansaço quase caindo em cima do corpo da mulher. O copo que está nas mãos dela balança e quase cai.

— Tá querendo arrumar confusão, sua peste?! — A mulher se irrita e grita.

As pessoas que ali passam, continuam a passar. Os que estão sentados na calçada, continuam sentados. Ninguém se sente incomodado ou disposto a apreciar uma boa confusão na rua. Nessa rua onde tudo é considerado absolutamente comum e aceitável. Onde as pessoas não se juntam para falar de alguém ou de qualquer outra coisa, muito menos para defender ou acusar alguém. As coisas simplesmente acontecem e ninguém tem força ou vontade de interferir. As coisas são como são e, ora, paciência.

— Sai de perto de mim, sua peste! — A mulher empurra Celestino, que cai no chão de fraco que estava.

— Oh garoto! Chamem esse garoto aí! — A voz que vem do alto chama de novo.

A mulher que está invocada com Celestino olha para cima e vê alguém com a cabeça para fora da janela.

— Chama o garoto aqui em cima! — A voz é agora direcionada para a mulher.

Ela faz uma careta, uma boca murcha, sua irritação vira pouco caso. Chama então o garoto que está deitado no chão, empurrando o braço dele com seus pés que vestia uma sandália rasteirinha.

— Aí, peste! Estão te chamando lá em cima. — Ela segue a rua em direção ao nada com seu copo na mão. — Peste...

Celestino se levanta confuso, mas não vacila. Está acostumado a cair e levantar, acostumado a lembrar e esquecer. Ele olha para cima e um sorriso discreto surge na sua face. Fazia tempo que Celestino não sentia os lábios fazendo um sorriso.

### 3.1.24 Capítulo XXV

O garoto sobe pela escada estreita, com energia inventada e falsa, encontra uma porta aberta e vai logo entrando no pequeno cubículo de paredes brancas.

O velho está ainda debruçado na janela que dá para a rua, quando percebe a presença de Celestino vira seu corpo enrugado para o garoto.

— Você precisa ter cuidado com o que fala. — diz o velho indo em direção à poltrona verde de veludo.

— Ah, é você. O velho do pastel de carne.

— Aqui as pessoas são cansadas, e, por isso mesmo, elas se irritam com facilidade. — O velho finalmente senta.

— Eu não estou cansado nem irritado.

— Sei...

Celestino vai para a janela olhar o movimento da rua. Repara que a mulher está agora encostada em outra parede e continua segurando um copo de plástico.

— O que você faz aqui? — pergunta o velho.

O garoto coça o rosto, o cabelo ensebado. Os olhos vermelhos e esbugalhados olham para o chão. Fica sem saber o que responder, afinal, não tem nem o que pensar.

— Na terra dos infiéis, ué. — Acha mais fácil repetir o que ouviu mais cedo. Não teria que assim formular pensamento ou resposta. A frase havia impregnado nele e por isso repetia sem parar.

— Espera aqui. — O velho se levanta e vai para outro cômodo da casa. Enquanto isso, Celestino fica reparando nas paredes brancas. Está atordoado. O velho volta com um copo na mão.

— Bebe isso. — O velho oferece o copo que é de vidro.

Celestino cheira o conteúdo do copo. Não acha atrativo. Não tem cheiro de nada.

— É água, garoto. Bebe.

Celestino bebe a água pura. Bebe um pequeno gole e faz careta. Depois do primeiro gole, vira todo o copo. Matava a sede sem ao menos perceber que sentia sede fazia muito tempo. Sente um certo enjoo com a sede saciada.

— Por que me chamou?

O velho volta com passos lentos para a poltrona, senta e olha para o garoto.

— Você sabe que um dia eu tinha sua idade?

— Não me diga... — Celestino ironiza.

— Na sua idade eu tinha um caminhão. Viajei muito. Viajei por onde o caminhão podia passar.

Celestino escuta aquela frase sem saber ao certo que as palavras estavam provocando sensações um tanto adormecidas, esquisitas, escorregadias. Um pouco de curiosidade desperta no seu corpo cansado e patético. Há muito tempo não sabia o que era ser curioso. Mesmo assim não era capaz de dar o braço a torcer, até porque nem sabia reconhecer que aquela frase do velho tinha lhe despertado aquilo que chamam de curiosidade. Estava tão acostumado com a sobrevivência dos dias, e era só isso. Sem antes, nem depois. A sobrevivência dos segundos.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Isso é você quem tem que dizer. — O velho diz sem pressa, com calma, tenta preparar um caminho de palavras para que Celestino possa percorrer.

— E onde está o caminhão agora?

— Perdi.

Como uma criança que vai montando mentalmente imagens, fazendo encaixes de possibilidades, Celestino junta as palavras, e se pergunta como alguém pode perder um caminhão.

— E como se perde um caminhão?

— Depois de muito viajar, eu não encontrei o que queria, fiquei com raiva...— O velho tem seus olhos distantes, aquele mesmos olhos de muito tempo atrás.

— Raiva...

— Aí eu cansei. — Conclui o velho.

— Cansou da raiva?

— Cansei do caminhão, cansei de tudo. E aí vim para cá... — O velho dá um grande suspiro.—Onde todos estão cansados demais.

— Eu não estou cansado. — retruca Celestino.

— Então você está perdendo tempo. — O velho sorri. — Aqui, eu já te disse...— O velho inclina sua coluna na direção de Celestino. — Aqui é a terra dos infiéis. — E volta a se encostar confortavelmente em sua poltrona.

— Dos cansados e também dos infiéis? — Palavras que instigam o garoto de olhos esbugalhados. Um resto de excitação é remexida, desdobrada. Celestino resgata um pouco de curiosidade e também de atenção.

— Quem está cansado tem raiva, não tem nada, só cansaço. Do cansaço para a infidelidade é um pulo. — Conclui o velho.— Eu cansei tanto que só estou esperando... você sabe...

— O quê você espera?

— Aquilo.

— Aquilo o quê?

— A morte.

— A morte?

— É. Só estou esperando a morte. Se bem que isso não resolvemuita coisa.

— Por quê?

— Porque depois, quando estiver morto, vou estar mais cansado ainda.

— E porque está cansado?

— Quem está cansado cansa de pensar porque está cansado.

— Você é o mais maluco de todos. — diz Celestino rindo da cara do velho.

— E você o mais infiel de todos. — O velho arremata.

— Não sou infiel nada!

— Claro que é.

— Claro que não.

— Então porque está aqui? — pergunta o velho.

— Estou aqui porque resolvi sair. — Celestino se embaralha novamente.

— Sair de onde?

— De lá.

— Viu? Infiel!—O velho fica satisfeito como quem vence um jogo.

Se antes Celestino demonstrava curiosidade e atenção, agora sente uma coceira na alma, se irrita com aquelas palavras confusas. Aquele velho maluco, aquelas paredes brancas. Vira o corpo e vai embora.

— Infiel como todos aqui! E o pior de tudo é que ainda está vivo! Um vivo infiel e ingrato!—O velho treme de indignação.

— Eu não estou a fim de ouvir um velho maluco — grita Celestino, já se preparando para descer a escada que vai para a rua.

— Se tivesse fidelidade às pessoas que te criaram, às pessoas que encontrou, não estaria aqui. Se fosse fiel a você mesmo. Mas você não consegue ser fiel nem a você mesmo! — O velho fala evocando as palavras que penetram por cada pedacinho de cada pessoa que passa na rua e que sente um leve arrepio, como mosca que passa com zumbido e depois vai embora. Mas Celestino, que está quase na rua, sente a frase perfurando seus olhos esbugalhados de cansaço.

Seguindo o puro extinto do momento, sobe as escadas com violência. Aquele mesmo garoto apaixonado, de frases mirabolantes, raivoso e decido a acertar as contas com o mundo com as próprias mãos. O menino que tenta subir a árvore e muro com movimentos apressados e largos, por isso sempre caía. Celestino sobe as escadas e vai ao encontro do velho que o espera sentado na poltrona, sorrindo com serenidade.

— Você não sabe o que é nascer e ver todas as pessoas irem embora e ficar. — a insônia zomba da cara de Celestino — E ficar nascido no mundo, vendo os outros irem embora. — Celestino se atrapalha na sua violência, no seu cansaço. Os olhos esbugalhados. A insônia zomba da cara dele.

— E, depois de se achar sozinho, não saber mais o que fazer, entregar tudo que tem, a alma em troca do esquecimento. A culpa não é nossa, não fizemos nada para merecer isso. Mas o mundo continua injusto, mal, incorreto. Por quê? A

gente procura resposta, a gente tenta, finge que tenta, tenta de verdade, mas nosso egoísmo em querer respostas da nossa maneira nos deixam cansados. Por quê? Cadê a resposta? Não tem explicação ou resposta para o tamanho da dor que a gente carrega. Por que comigo? Por que tinha que ser assim? Nosso cansaço não vai embora, a gente não consegue mais ter escolhas, não existem escolhas. Por que tentar achar respostas? Porque tentar continuar aquilo que fomos é lidar com a dor, lidar com aquilo que nos transformamos. A gente se cansa e desiste. Melhor esquecer, entregar tudo o que tem, entregar as memórias doloridas. Entregamos também o que temos de bom, e nada mais. Nada mais resta quando esquecemos, quando nos tornamos infiéis àquilo que carregamos. Melhor não carregar nada. Nem dor, nem alegria, nem saudade. O cansaço esmigalha tudo e todo dia se esquece um pouco, um pouco mais, um pouco mais, até que não somos mais nada. — O velho se cansa de suas próprias palavras, mas mesmo assim ainda existe força para deixar os olhos vermelhos de angústia.

As pequenas partículas de poeira continuam voando calmamente e com certa petulância naquele lugar enquanto Celestino sente a dor jamais sentida. Uma avalanche de memória o desaba. Nascido ele estava, e não havia como retornar. Fazia parte desse mundo mesmo não querendo ser parte. Seria bom se ele pudesse ser só silêncio e vazio, mas agora não podia mais ignorar seus sentidos e tudo que carregava sufocado no seu corpo, nessa alma que insiste em jogar-lhe que existe, que existe. Que existe o quê? Celestino não sabia responder, mas só sentia. E o que era?

Amor.

### **3.1.25**

#### **Capítulo XXVI**

Se sua dor antes era embutida, agora gritava: pernas, coluna, costelas, braços, cabeça, tudo implorava existência. O sangue corria numa velocidade absurda e ele sentia o pulsar. O estômago começou a fazer barulho. Celestino negou, tentou se distanciar de seu próprio corpo. No seu corpo, onde ainda existem seus pais, sua irmã, cicatrizes, sua voz, seu corpo é a berração do que é.

### 3.1.26

#### Capítulo XXVII

O velho parece ter congelado seus olhos em direção ao infinito. Aqueles mesmos olhos de Celestino, presos ao corpo, mas soltos pela dimensão do que o tempo é capaz de fazer.

Nesse momento, vozes saem do pequeno cômodo em que o velho tinha ido pegar água. Vozes conversavam entre si e Celestino mais uma vez sente um tremor arrepiante. O velho não se abala, continua imóvel, está dentro e fora de si próprio.

— Eu acho que estão falando de você. — diz o velho.

Celestino engole a seco e vagarosamente se aproxima da porta que dá para o outro cômodo, como um bicho medroso. Antes de enfiar seu corpo pela porta, ele volta a cabeça para o velho.

— Se quiser, pode ir embora. Se acha que não vai suportar... — O velho continua calmamente sentado.

Celestino abre seus olhos como quem tenta suportar o campo de visão que surge. Entra no cômodo onde algumas pessoas estão em volta de uma mesa redonda. Estão jogando baralho. Assim que seu corpo ocupa o espaço, as vozes se calam.

Ele não tem coragem de prosseguir pelo cômodo. Está acima da linha que o divide entre o cômodo de paredes brancas, onde o velho se encontra, e aquele pequeno cubículo em que pessoas jogam baralho. Não existe outro caminho que possa escolher. É recuar ou prosseguir.

Decide ficar parado, imóvel, tenta se transformar em outra coisa. Mas em que coisa? Celestino é corpulento. Apesar da insônia e dor, está ali presente.

As vozes que foram interrompidas também não conseguem continuar. Não conseguem.

Cartas de baralho estão espalhadas na mesa, centenas de cartas. Algumas sequências de jogos foram feitas, outras estão jogadas no chão. Havia ainda um grande castelo feito de cartas que ia quase até o teto. Um sopro de ira vindo de uma voz que agora estavacalada faz com que todas elas desabem sobre o espaço. Voam cartas pelo cômodo, os jogos foram desfeitos. A presença de Celestino interfere no ambiente.

— A gente demorou mais de um mês! — A voz se irrita com o castelo de cartas desmoronado.

— A gente demorou mais de um mês. — Outra voz imita com deboche a reclamação feita. — Que diferença isso faz? Depois de construir o castelo de cartas a gente não tem mais nada para fazer, a não ser esse estúpido jogo!

— Ei, para de me imitar! Eu não gosto quando você faz isso!

Uma voz masculina interrompe a discussão que estava para começar.

— Vocês duas podem parar? Celestino ficou de arrumar outro jogo para a gente, lembram?

Celestino tem sua boca trêmula.

— Não é você, Celestino. É o outro Celestino. — Uma quarta voz, feminina, se manifesta.

Celestino vira seu rosto para o velho, que continua sentado na poltrona. Dessa vez tem os olhos fechados, parecia estar cochilando. Depois volta a cabeça para o cômodo onde ainda não teve coragem para entrar.

— É. A gente está falando do velho Celestino.

— E como está a vida, cara? — A voz é conhecida. Aquelas mesmas palavras já foram ditas pela mesma voz para Celestino que está estático. Ele escuta com intensidade e, ao mesmo tempo, sente estar surdo.

— Ué, vai fingir que a gente não existe? — diz outra voz feminina.

O quarto está iluminado por uma pequena lamparina.

Celestino dá o primeiro passo, espreme os olhos, precisa enxergar. O segundo passo, a luz é fraca naquele ambiente. No terceiro passo encontra. Reconhece.

— Que cara é essa, garoto? Parece que comeu e não gostou! — diz a menina com ironia.

— Eu quero comer. — Outra menina fica ofendida com essa vontade. — Ai, queria comer aquele biscoitinho, salgado. Aquele biscoitinho salgado. Você sabem aquele biscoitinho salgado? Vocês não sabem como é? — A menina começa a chorar e os outros que estão em volta dela parecem estar acostumados com aquela reação.

— Ei, que tal tentarmos reconstruir o castelo de cartas? Vamos tentar fazer um até o teto? — O rapaz a consola com carinho. Enquanto consola a amiga, o rapaz se vira para Celestino com um olhar magoado.

— Está bom. — Já conformada com sua condição, ela tem uma voz doce e passiva. Se sente confortável com a companhia dos amigos.

Celestino assiste à cena acontecendo. Ao mesmo tempo vai tentando recuperar a quantidade de reações que seu corpo dispara.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta Celestino baixinho.

— Nunca construiu castelo de cartas?

— Construí.

— Então, é isso que estamos fazendo. — responde o garoto, enquanto pega duas cartas e tenta encostá-las, com delicadeza, tentando formar um ponto de equilíbrio para que elas fiquem intactas formando a base do castelo

— Eu construí castelos de cartas com você, Ronaldo. — responde Celestino.

Ronaldo deixa as cartas que estavam quase imóveis perderem o equilíbrio.

— Você nunca contou para a gente que construía castelo de cartas. Por isso é tão bom. — diz outra voz.

— Eu não me lembrava disso. Desculpa — Desculpa-se Ronaldo.

— Mas, Lina? Lina? Lina, o que é isso? — Celestino está abismado e agitado. Aproxima seu rosto da menina.

— Ainda lembra meu nome? — Ela pergunta tímida. — Mas é esse o meu nome? — A garota parece se surpreender com a sonoridade de seu próprio nome. Fica repetindo por um instante — Lina, Lina, eu sou a Lina?

Celestino anda de um lado para o outro, tanta lembrança escapole dele. Está correndo atrás do passado. — Eu lembro tanto! Como eu poderia esquecer?! Como?! — E volta a olhar para cada um deles.

As cartas continuam espalhadas, os quatro amigos sentados em volta da mesa redonda escutam Celestino que está atordoado de tanta lembrança junta.

— Nós quatro já construímos e destruímos mais de duzentos castelos. Não é gente? — é a voz de Lina.

— Não! Já construímos mais de trezentos castelos! — Retruca outra voz.

— Claro que não. Foram mais de duzentos. — Lina insiste.

Ronaldo interrompe a implicância que se inicia novamente.

— O Celestino anotou quantos castelos construímos, a gente precisa conferir com ele. Acho que agora ele está dormindo na poltrona. Velhos sentam e já começam a cochilar. Meu avô era assim. Ele sentava e cochilava. Vocês conhecerem o meu avô, não conheceram? Eu achava que ele era muito velho, mas

era só disfarce com rugas. O meu avô, na verdade, era muito inteligente. Sentava e cochilava para brincar que era invisível. Eu chegava perto para colocar a mão em sua careca e ele mexia a cabeça. Eu pensava que eu tinha acordado meu avô, mas não. Ele mexia a cabeça e roncava, roncava tão alto só para me fazer rir, e eu realmente acreditava naquele ronco do meu avô... — Ronaldo se descontrola com as palavras e se entala num silêncio que parece doer sua voz. Os amigos parecem acostumados com esses espasmos. Tentam abraçá-lo.

— Olha, Ronaldo. Olha para minha mão. Você estava procurando um Rei, lembra? Aqui o Rei, olha aqui o Rei! — Clara sabia que nos momentos em que a memória doía em um deles, era preciso que alguém mostrasse alguma coisa para provocar o esquecimento da memória.

Todos os amigos jogavam cartas e tentavam passar o tempo, mas de hora em hora alguém era provocado por uma memória boa ou ruim de quando eram vivos.

O velho Celestino que estava sentado na poltrona do outro cômodo ensinou para eles que, quando a memória de saudade começasse a doer, um precisava ajudar o outro inventando uma história. Inventar um algo para o outro prestar a atenção: assim a memória ia diminuindo de dor. Ele ajudava a cuidar dos meninos que chegaram na terra dos infiéis um pouco antes do jovem e sonâmbulo Celestino.

Os quatro amigos gostavam de ouvir histórias de terras distantes porque assim se esqueciam de umas coisas e lembravam de outras. Celestino velho sabia contar tudo de tudo. No começo, ele não sabia o que fazer com quatro jovens. Porque, afinal, lidar com jovens, e ainda por cima mortos exigia muito mais esforço para um velho cansado e triste como ele (que só saía de casa para comer pastel de carne com molho de pimenta). Mas o Celestino velho não teve outra alternativa. Se os jovens fossem vivos, na certa ele os mandaria embora; mas como estavam mortos, eles podiam atravessar pelas paredes e porta.

Foi uma fase muito difícil para o velho e pobre Celestino. Ele acabou cedendo sua pequena cozinha para os meninos ficarem e resolveu se dedicar aos meninos temporariamente. Exigiu apenas a condição de que deixassem paz quando fosse ao bar da esquina comer seu pastel de carne com molho de pimenta. Não queria fantasma nenhum atrás dele. No começo, o velho Celestino ficou sem saber como conversar, afinal eram jovens de tempos muito modernos. Mas depois

acabou descobrindo que eles gostavam muito de ouvir histórias de outros tempos. O velho contou sobre a montanha que possuía um grande imã que atraía muitos barcos, contou do trevo de infinitas folhas, do macaco que sabia escrever como poeta, entre tantas outras histórias. Os jovens iam vivendo cenas e momentos fantásticos. O velho Celestino e os jovens estavam bem cansados da vida e da morte, mas, quando ouviam histórias, viviam uma energia alegre e cheia de paz. Mesmo que Ronaldo, Clara, Lina e Vitória não soubessem exatamente de onde vieram e o que faziam ali na terra dos infiéis, eram de vez em quando puxados por uma saudade de um tempo muito complicado e longe. Eles não sabiam o que era exatamente, só sentiam dor.

Um dia, ouviam a história da manga suculenta e Vitória se lembrou de um vestido que usou numa grande festa. Já quando ouviam a história da flor azul, Ronaldo se lembrava que tem medo de aranha. Era muito difícil ficar ouvindo as histórias sem ter lembrança de alguma coisa que eles carregavam, de alguma coisa que nem sabiam direito. Mesmo nas histórias distantes e antigas, sempre existem um avô, uma pedra, um cheiro de chuva, um doce de leite e tantas outras coisas pertencentes à terra dos vivos. Os jovens começavam a suspeitar de que não pertenciam a mais nada e essas lembranças confusas os deixavam doidos de angústia.

Por isso, Celestino velho arrumou cartas de baralho para, assim, os meninos se distraírem com jogos que exigem uma atenção, que fazem esquecer as lembranças. Por um determinado tempo, Celestino velho ficou satisfeito de ver os meninos tão animados. Eles nem se importavam tanto de estarem mortos, afinal, com jogos e com construções de castelos de cartas, iam se esquecendo das saudades das lembranças dos vivos. Era assim mesmo: bem confuso.

Enquanto os meninos brincavam, o velho Celestino se preocupava. Os meninos não poderiam ficar para sempre na terra dos infiéis. Em pouco tempo, os jogos de cartas deixariam de ser divertimento com o presente para se tornar um vício doloroso. A memória seria mais enterrada dentro deles a cada dia, mas ainda estaria lá. E por isso os espasmos, as lembranças que apareciam espontâneas. A terra dos infiéis era um lugar cheio de amargura, esquecimento e cansaço. Além dos vivos, também havia os mortos que por ali chegavam desolados.

Eles precisavam aprender a seguir livres e com memória. O esquecimento é um remédio que só faz bem por pouco tempo. Usando o esquecimento durante

muito tempo, coisas terríveis podem acontecer. O velho Celestino começou a gostar muito daqueles jovens mortos, afinal, eles prestavam atenção no que ele tinha a dizer e, por isso mesmo, ficava muito triste só de pensar que mortos tão fantásticos estavam na terra dos infiéis.

Quando ovelho fechava os olhos, todos pensavam que dormia num sonho longe de tudo, mas na verdade, estava acordado inventando uma história bonita, uma história bonita que levasse aqueles jovens para seu lugar de origem.

### 3.1.27 Capítulo XXVIII

Celestino percorria a feição de seus amigos, que continuavam tentando acalmar Ronaldo da lembrança do seu avô.

— Olha, Ronaldo, você passou horas procurando esse Rei aqui. Eu estou te oferecendo esse Rei. Se não quiser, eu vou ficar com ele! — Clara continuava tentando despistar o amigo.

— Se o Ronaldo não quiser o Rei, você dá para mim? — pergunta Vitória.

Celestino arranca a carta da mão de Clara com força e interrompe o falatório dos quatro amigos.

Ele ocupa uma quinta cadeira na mesa redonda e, com os olhos esbugalhados, diz, quase sem perceber, o que vem à cabeça:

— Eu conheço seu avô, Ronaldo. E lembro quando ele dormia no sofá como todo velho. Mas ele não era como todo velho porque, quando dormia, fingia dormir.

Clara, Vitória, Lina e Ronaldo se espantam com aquela lembrança tão ousada e viva. Não estavam acostumados a escutarem lembranças deles próprios sendo contadas por outros. A língua de Celestino começou a desandar:

— E lembro também da avó de Lina. Você sabia que sua avó só usava vestido roxo, Lina? Ela era conhecida como a senhora de roxo. Vários tons de roxo: saias, vestidos. Você e as meninas da escola achavam isso tão divertido que um dia combinaram de usar só roupas azuis. Mas é claro que não durou muito tempo essa moda.

Lina encheu os olhos de lágrimas. Foi um susto seguido de alívio. Como um relâmpago que consegue fazer um clarão em milhas e milhas de terra, ela conseguiu recuperar a iluminação daquela cena que Celestino narrava. As

lembranças vieram desencadeadas, rápidas, certas e seu peito encheu de alegria porque era muito bonito alguém se lembrar dela e de sua avó. Gratidão pura transbordando.

— Você sabia, Clara, que sua voz era a mais bonita da escola? Você até cantou numa apresentação de final de ano para todos os alunos. Eu lembro que sua mãe estava na primeira fileira tirando fotos. E, Vitória, você lembra que era a menina que sempre tirava notas mais altas, mesmo sem estudar? Até hoje não acredito nessa história. Acho que você estudava escondida. Se bem que você podia ser inteligente sem estudar. Seu pai é um cientista, se lembra?

E cada lembrança começou a ser narrada detalhadamente por Celestino que mesmo zombado pela insônia vencida e enfrentava cada lembrança que vinha picadinha. A língua dele elástica dominava cada letra. Tudo saía de dentro e depois ia crescendo, tomando todo o espaço, inclusive aqueles jovens que sentiam preenchendo seus sentimentos com um calorzinho bom e revigorante.

Passaram-se dias, chuvas, noites e muito calor quando Celestino terminou de contar toda a história de que lembrava. Como já estavam todos vivendo uma grande insônia, nem faziam questão de interromper a história para dormir. De vez em quando o velho Celestino, que já tinha levantado da poltrona fazia muito tempo, levava um pouco de água para o Celestino jovem que sentia a boca secar de tanto que narrava. O velho, inclusive, deixou de comer seu pastel de carne na esquina, afinal a história estava interessante demais.

Celestino jovem recuperou toda a memória. A que tinha e a que não tinha. Aos poucos foi perdendo o medo da lembrança, o medo de ficar sozinho, o medo de contar. Enquanto contava, ia vivendo de novo. Os amigos sentiam-se continuados no mundo, pertenciam. Celestino contava e contava. Sua energia ia preenchendo seus dedos e seus gestos. Ia recuperando a capacidade dos humanos de pensar ao mesmo tempo, o pensar simultâneo, e por isso lembrava e contava, tudo ao mesmo tempo. E lembrava que era lembrança ao mesmo tempo em que lembrava o saber que aquela história ia terminar no ponto em que não tinha mais memória para lembrar. Era o ponto que estavam vivendo. Depois da contação e de viajarem por sonos infinitos, uma casa tomada de plantas, a barba comprida do pai, o rabinho do Jackson, um homem com uma cobra que saía da boca, o menino abaixou a cabeça para compartilhar um pensamento íntimo:

— Naquela noite, a gente não sabia o que ia acontecer. Depois daquela noite, eu passei todo o tempo pensando em como ia ser melhor se a gente desistisse de ir para aquela festa, se o Ronaldo não tivesse carro, se carros não existissem. Se a gente não existisse, não teria acidente, mas não teria amizade, não teria nada. E se o mundo não existisse, não ia ter acidente nenhum, a gente não ia experimentar essa dor, mas também não ia saber o que é felicidade. Naquela noite, vocês partiram e, desde então, muitos pensam que vocês não existem. Mas quem diria: minha família entrou no sono dos doidos e doentes, encontrei uma amiga, perdi uma amiga, perdi tudo até encontrar vocês aqui na terra dos infiéis.

O grupo ficou calado e inclusive o velho Celestino não sabia o que dizer. Ele até perdeu a vontade de comer pastel de carne.

— Ah, Celestino! Então era isso... — disse Lina com olhos pequenos e brilhantes.

— É claro que dá para perceber que não estamos vivos, mas também não estamos tão mortos assim. Eu consigo até lembrar! Se não lembrasse seria um péssimo sinal. — Concluiu Ronaldo.

— Você precisa voltar... — Continuou Lina.

— Olha, Celestino, você foi o único que sobreviveu a tanta coisa. A gente continua mais ainda como mortos se você não continuar... — Conclui Lina.

— Você faria isso por nós? — perguntou Vitória.

— Eu ficaria mais tranquila sabendo que temos você vivo por nós. — disse Clara.

— Ficariam? — perguntou Celestino

Os amigos concordaram e o velho Celestino sorriu largamente com um coração desimpedido e leve.

— Vocês estão livres da terra dos infiéis.

— Por quê?

— Porque agora sabem o que é a verdadeira fidelidade.

Fidelidade ao amor, ao próximo, aos vivos e aos mortos. E, depois de se abraçarem no infinito, podiam descansar porque estavam juntos. Mesmo que mortos e vivos não possam se abraçar como os humanos fazem normalmente, aquele foi o abraço do infinito.

Depois de tanta zombaria da insônia, as pálpebras envolveram os olhos que, mesmo esbugalhados, estavam mais calmos, menos esbaforidos. Celestino

conseguiu o que todo ser humano almeja fazer depois de um dia com tanto pensamento e afazeres embutidos no corpo: Ele dormiu. Dormiu e viveu toda a entrega de quem dorme. Braços e pernas estirados. Espantou o cansaço, o medo e caiu finalmente no sono dos tranquilos, daqueles que descansam com paz. Uma brisa aconchegante abraçava seu corpo.

### 3.1.28 Capítulo XXIX

— Você tem certeza?

— Já estou muito velho, menino...

— Na minha casa tem um quarto sobrando... minha mãe adoraria te receber. Claro, se ela estivesse acordada. Mas eu posso cuidar de você.

— Eu preciso ficar aqui. Vai que chega alguém me procurando. Não vão me encontrar.

Celestino agora sem olhos espantados e sem cansaço tem a lucidez de compreender o que não é dito.

— Eu vou voltar. Um dia eu volto. Posso ajudar outros que virão jogar baralho, certo? — Celestino se aproxima do velho e diz baixinho na orelha cabeluda do velho: Nas terra dos infiéis nem todos são infiéis. Você não me contou isso, certo?

Celestino velho sorri orgulhoso com o rapaz que agora brilhava com uma inteligência branda e vigorosa.

— Eu não ouvi sua história, nem sei como veio parar aqui, não conheci sua família, nem nadinha. Mas eu consigo lembrar de tudo o que passou com você, sabia? — disse o menino.

— Claro que eu sei disso. A gente não precisa se lembrar de tudo que está na cabeça. Ai, que fome! — disse o velho.

Um vento forte invadiu o pequeno cômodo daquela mínima casa.

— Celestino, você precisa ver. A gente foi na sua casa e a cobra que ficava na barriga daquele homem cresceu tanto que ele mal consegue respirar! — disse Clara afobada, ainda adolescente.

— A cobra está imensa de gorda. — Ronaldo tinha o olhar apreensivo.

— Aquele homem vai acabar morrendo sufocado pela cobra — Clara andava de um lado para o outro com um ar muito preocupado, mesmo depois de morta estava disposta a resolver grandes problemas.

— E minha família? Eles estão lá ainda? — perguntou Celestino.

— Pois é, a barba do seu pai está admirável de tão grande. Minha nossa! Quantas pulgas! E sua irmã está numa poça de óleo, exatamente como você falou. — disse Vitória. — O rabinho de Jackson fica de um lado para o outro. Está conduzindo o menino e agora ele anda de trás para frente. A sua mãe possui os cabelos feito de cavalos e luas mais lindas. Dorme que parece nem querer acordar...

— A cobra não para de crescer. Ela está faminta. Um horror! — disse Clara.

— Ela quer engolir a casa com todos dentro, inclusive o homem que a tem na boca — Ronaldo prossegue.

— A cobra sempre chega assim como quem não quer nada e quando vai ver ela já está na sua barriga fazendo cosquinhas, oferecendo dengos, pobre e estúpido homem! Ela se aproveitou do homem. Entra mansinha e depois cresce, vai criando filhotinhos... Esse homem cultivava a cobra há muito tempo, por isso ela está tão forte. Antes, o homem pegava roupas, objetos, aí teve um dia que conseguiu me convencer de levar a única coisa que tinha: o meu caminhão. Ai, que cobra! Ela aproveita em cima de gente com insônia, gente fraca e perdida. Agora finalmente ela conseguiu uma casa grande no coração da cidade. — disse o velho Celestino.

— Eu, eu comi aquelas cobrinhas. O homem me ofereceu. Eram geladinhos, de gosto bom. — disse Celestino.

— Pois é, mas quem te ofereceu mesmo era a cobra gigante que estava na barriga do homem. Ele estava se achando esperto, senhor da situação. Estava era dominado pela cobra...

— Mas agora a cobra vai crescer dentro de mim? — perguntou Celestino.

— Só se você for muito burro! — disse o velho.

— Celestino, o que a gente precisa impedir agora é o crescimento daquela cobra da sua casa. Ela já tinha criado tantos filhotes, já tinha até umas transbordando do muro de entrada. A gente entrou lá com cuidado, mas a cobra logo percebeu e ficou irritada. Daqui a pouco vai começar a ventania. Quando a cobra sente que será atacada, o mundo venta prevendo mudança. — Ronaldo parecia aflito. — Elas não podem invadir a cidade, não podem.

— Ei, e onde está Lina? — pergunta Celestino.

— Ah, ela foi procurar Ava. — respondeu Ronaldo.

O menino ficou agitado, seu coração deu um estalo com vários sentimentos.

— Nós somos um grupo de mortos e um velho que mal consegue andar. Você é o único jovem e vivo. Precisa de alguém para ajudar a remover a cobra. Aquela casa está um horror. — Conclui Clara.

— Está certo... — Numa situação como aquela não ia adiantar ficar imaginando suposições, até porque Celestino estava tão revigorado e tão disposto a enfrentar aquela situação que...

— Então vamos, porque preciso voltar logo. Daqui a pouco começa minha dor de barriga. — disse o velho Celestino enquanto pegava, com muita dificuldade, uma chave que estava embaixo da poltrona verde.

Celestino o segura pelo braço para o velho não cair.

— O que é isso? — pergunta Celestino jovem.

— É a chave do caminhão que a cobra me roubou.

— Onde está o caminhão?

— Deve estar no lugar onde sempre estive. Estacionado lá fora. Celestino dormiu, mas ficou meio pancadinha. — O velho foi pegando seu chapéu para se proteger do sol e foi indo em direção à porta.

— Mas se você tem a chave e se o caminhão está estacionado no mesmo lugar de sempre, a cobra não te roubou nada! — disse Celestino.

— Ah, esses garotos de hoje em dia! Só acreditam no que enxergam. Vamos indo? Na época em que vendi meu caminhão, eu vendi minha alma e nem podia perceber que estava preso porque queria! Hoje estou desroubando, apenas isso. Vamos logo, meninos.

— Eu estou te falando... Essas cobras se acham espertas, vamos logo, vamos logo! — O velho Celestino falava enquanto descia as escadas.

Passaram pela rua que ventava um vento tão forte que muitas pessoas da terra dos infiéis, mesmo que cansadas e esbugalhadas, tinham que juntar forças para se esconderem. Alguns cachorros fracos e magros voavam. Ronaldo, Vitória, Celestino, Clara e o velho Celestino entendiam o vento e, por isso, andavam no meio da rua sem medo, apenas observando em silêncio e a força da terra, uma luta entre a cobra e o vento já tinha começado.

Como Clara, Vitória e Ronaldo estavam mortos, eles eram muito leves e quase invisíveis e nem precisaram fazer força para subir no caminhão estacionado. Apenas ultrapassaram a porta da caçamba do caminhão e chegaram lá na frente da cabine onde aguardavam os Celestinos abrirem a porta para se sentarem.

O velho Celestino tentava subir para a cabine do motorista com muita dificuldade. Não era um movimento simples para um senhor de idade. Ainda mais que ele não queria deixar seu chapéu voar naquela ventania. Já estavam todos na cabine do motorista enquanto o velho Celestino tentava subir. O Celestino jovem já ia sair do caminhão para ajudar e empurrar o bumbum do velho, mas um vento forte e, dessa vez simpático, impulsionou o velho, de modo que ele não precisou se esforçar para subir.

Quando já estavam todos prontos para ganhar a rua, o velho deu um grito.

— Ai, estou velho para dirigir! Celestino você pode tentar?

E tiveram que trocar de lugar. O jovem Celestino foi para o lado do motorista enquanto o velho foi para o lugar do carona, os mortos no meio e lá fora voava aquele mesmo cachorro. O vento não dava uma trégua.

Celestino jovem, sem nunca ter dirigido, ligou o caminhão que ainda possuía motor potente. Com as mãos trêmulas, mas cheio de coragem, tentava prestar atenção nas instruções do velho. Porém, ele não ouvia nada quando pisou fundo no acelerador.

Em poucos segundos, um caminhão com um jovem, um velho e três mortos atravessou a cidade, saindo da terra dos infiéis para ganhar o coração da cidade. Pelas ruas, as pessoas fugiam da ventania. Muitas pessoas soltavam gritos confusos. O vento ventava sem piedade. Era preciso ventar. O caminhão passava resistente e com velocidade governado por Celestino, que dirigia com maestria. Quase nenhum vivo ou morto podia desconfiar do que acontecia de fantástico na cidade. Os que sabiam davam logo passagem para o caminhão, e alguns até acenavam para aquele corajoso e peculiar grupo.

### **3.1.29** **Capítulo XXX**

Vários motivos levam um caminhão a passar pelas ruas da cidade: pode ser carga de encomenda, pode ser isso ou aquilo; mas caminhões também passam para cumprir missões mais do que misteriosas.

Celestino dirigia com velocidade. Atravessou grandes avenidas e ruelas, contornou praças, esperou no sinal, deixou ambulância passar, virava à direita e à esquerda, ia reto, passava ora por buracos, ora por liso asfalto. Sua testa suando, um calor fenomenal mesmo com a ventania forte que atravessava a cidade.

Finalmente chegou na rua. A rua em que cresceu, onde aquela casa quase desaparecia no meio de uma grande floresta que crescia em volta. O muro ainda resistia, tentava segurar os arbustos e árvores. O muro estava lá com portão e cadeado trancado. Estacionou o caminhão. Não tinha tempo para lembrar de tanta coisa que queria lembrar. Seu tempo de menino ali, suas idas e voltas. Quanta coisa guardava a casa. Tudo voava por causa da ventania. Folhas, poeira, placas balançavam e um assovio dizia alguma coisa que não era possível entender. Apenas seus amigos entendiam o dizer do vento e, por isso, gritavam: “Vamos logo que o vento anuncia a mudança, a cobra está braba. Se não tirarmos ela de lá, vai ser tarde demais e tudo vai ser ocupado, não apenas sua casa. Palavra de morto é palavra de morto.” Celestino saltou do caminhão e avistou Ava e Lina na calçada.

O vento fazia Celestino fechar os olhos, tanta poeira, tanto vento entrando pelo nariz e boca, correu em direção às meninas.

—Ava e Lina! — O menino tentou abraçar as amigas. Não sabia direito como abraçar uma morta nem a viva, estava sem graça.

— Ajuda ele! — Ava apontou em direção ao velho Celestino que tentava saltar do caminhão ao mesmo tempo em que segurava seu chapéu.

Todos foram ajudar o velho Celestino a saltar do caminhão. Os mortos, como estavam mortos, deram apoio moral apenas dizendo: “segura a mão dele, alguém pega o chapéu”.

— Nunca vi trazer chapéu numa ventania dessa. — comentou Celestino.

— Ai, esses garotos. — Ele finalmente estava no asfalto junto com os outros jovens.

Celestino, quase sem querer, perdia os olhos em Ava. Encontrá-la de novo lhe causava arrepios doidos, mas não havia tempo. Não havia tempo e, no meio da correria e vento, chegaram em frente ao portão da casa tomada, folhas voando e as árvores por trás do muro faziam bruscos movimentos.

— Cadê a chave do portão? — pergunta Ava.

— Eu não tenho chave. Será que dá para escalar o muro? — Ele pulava em direção do muro, mas percebeu que seu esforço seria em vão.

— Você vendeu a casa e entregou a chave? — pergunta o velho Celestino.

— Quando a gente vende, a gente entrega a chave, não entrega? — Celestino está irritado e ansioso.

— Mas quando se vende para aquele tipo de homem não deve-se entregar tudo. — O velho está rabugento, segurando o chapéu para que não voe junto com o vento.

— Pronto! E agora? A gente pode atravessar o muro, mas só isso, não tem como carregar cobra, nem homem, nem nada! — diz Lina, que já estava em cima do muro avistando a casa no meio da floresta.

Ronaldo já tinha atravessado pelo portão junto com Vitória e Clara. Iam na frente para preparar o caminho dos vivos.

Num estalo, Celestino velho parece ter se lembrado de algo. Ele lembrava, lembrava e umas lágrimas tímidas começaram a escorrer dos seus olhos. Não sabia que, mesmo sendo tão velho, tinha capacidade de imaginar, chorar.

— No caminhão. A carga do caminhão! Corram até lá! A carga do caminhão. — dizia ele.

Celestino, Ava e Lina correram e abriram as portas que ocultavam a carga do caminhão.

Depararam-se com inúmeras pedras de todos os tamanhos e tipos, uma montanha de carga de pedras. Os meninos logo entenderam como chegariam ao outro lado do muro. O velho Celestino observava cheio de emoção. A vida ainda lhe surpreendia. Quem um lhe diria que aquelas pedras do passado serviriam no futuro?

### **3.1.30** **Capítulo XXXI**

Ava e Lina tiveram muita sorte. A ventania era tão forte mas não era capaz de fazer as pedras voarem, iam carregando uma por uma com muita força de vontade. O velho Celestino e Lina iam ajudando na construção matemática daquela grande montanha que ia se formando em frente ao muro da residência Waka. Iam dizendo “Um pouco mais para a direita”, “Assim. Isso!”, “Não, assim não!” Foram muitos ventos ventados até que finalmente perceberam que Celestino

e Ava conseguiriam atravessar o muro por aquela grande escada formada por pedras.

O tempo era precioso e, de vez em quando, sentiam um tremor. A casa sacolejava com a fúria da cobra que pressentia a entrada de intrusos.

— Isso está terrível, vocês nem podem imaginar! — Ronaldo tinha acabado de voltar com Vitória e Clara para ver se os meninos já tinham achado uma solução para atravessar o muro. Parecia estar possuído de tristeza.

Celestino não queria mais ouvir seus amigos ou qualquer pessoa, nem saber do que estava por vir. Tinha conseguido um estado de concentração máxima que só calculava o que deveria ser feito segundo por segundo. E assim foi escalando a montanha de pedras, pisando em cada uma delas, atento para não vacilar. Quando chegou ao topo do muro, ofereceu suas mãos para Ava.

— Obrigado por estar aqui. — Ele conseguiu dizer e ao mesmo tempo encerrar toda uma maré de desentendimentos e confusões do passado.

Ava ofereceu suas mãos cheia de gratidão, sentindo-se revigorada por fazer parte daquela missão e seguiu o rapaz. Para estarem no terreno da residência, só precisavam pular do topo do muro onde se encontravam. Havia tantos galhos de árvores, arbustos e folhagens que não sentiram o impacto da altura. Pequenas cobrinhas se enroscavam naquela floresta absurda, era tudo tão absurdo. Ava segurava seu nervosismo e tensão que começaram a brotar em seu íntimo. Ela assumia internamente que sua coragem até então era inventada. Por que arriscava sua vida daquela maneira? Sentia tanto medo de passar por aquela escuridão atrás de Celestino. No seu universo inventado, ela criava reinos fantásticos em que ela era a própria heroína, cheia de coragem, cheia de inventividade, sempre havia respostas e soluções, mas ali, de frente para a vida real, escura e sombria, encontrava-se apavorada. Não queria voltar. Queria gritar, mas a faísca de um sentimento mais amplo ainda a conduzia. Ava nada dizia.

Quando finalmente atravessaram a porta de entrada da casa, ouviram tantos gritos e choros. Não parecia ter ninguém no primeiro andar, mas ainda ouviam gritos desesperados, ruídos, barulhos que faziam círculos sem fim. Estavam todos assombrados. Celestino sentiu-se zozzo, abandonara sua família, tudo. Ele se via criança correndo por aquela sala. Onde estava sala? Não tinha mais sala, só ausência de luz, só. Ronaldo, Lina, Vitória e clara sobrevoavam o ambiente.

Lina colocou suas delicadas mãos em sua boca invisível, seus olhos pareciam vivos de pavor.

— Quanto sofrimento! — disse ela enquanto tentava prestar atenção nas vozes.

— Quem está gritando? — pergunta Ava.

— Não podemos saber, mas isso está terrível. Precisamos tanto fazer alguma coisa, alguma coisa... — Lina, Clara e Ronaldo tentavam acalmar as vozes, como se estivessem ninando um bebê. — Calma, calma. Vai ficar tudo bem.— Voavam pelo escuro acalmando as vozes. — Não vamos fazer nada, não vamos...

— A cobra. Cadê a cobra que vocês disseram estar enorme? — perguntou Celestino.

— Está em todo lugar, Celestino. Bem ao seu lado Celestino!

Janelas e portas batiam com violência. Um vento frio percorria todos os espaços, espaço que não tinha, a casa estava tomada. O vento ora gritava, ora sussurrava, passava pelos ouvidos e pescoço de Ava e Celestino.

— Cadê o homem, Celestino? Cadê? — disse Ava, sem saber para onde virava o rosto. Se levantasse os braços, sentia que seria levada por aquele vácuo de escuro e vozes de medo.

— Eu não sei, Ava. Eu não sei. A gente precisa achar. — gritava Celestino.

— O homem já foi engolido pela cobra, não existe mais. Andem, façam alguma coisa!— implorou Clara enquanto ninava uma voz.

Celestino e Ava sentiam-se vivos e impotentes. Estavam sendo sugados pelo temor, a coragem ia se desfiando, a memória embaralhava. O absurdo estava escancarado.

— Celestino! — dizia Lina. — Anda, Celestino!

O choro das vozes aumentava. Era agora agudo e fazia doer os tímpanos, tudo explodiria com os tímpanos.

— Não adianta. Não adianta. Eu não sei como fazer isso! — Celestino estava desesperado e confuso.

— Celestino, você prometeu continuar nossa história. Você prometeu! A gente já está fazendo nossa parte. Você está recuando. — dizia Vitória enquanto pegava uma voz chorosa que tremia de medo.

Com muita dificuldade, Ava ia tentando conduzir o que dela ainda restava. Além do medo, apertava as mãos com força. Estava realmente ali presente. Sentia o suor da mão, sentia tudo.

Celestino buscava com os olhos uma resposta. Por um segundo, chegou a pensar que estava na casa errada. Aquilo devia ser um pesadelo. Aquilo deveria ser outra história que não fosse a sua. Ele correu e atravessou todo o escuro que estava em volta, subiu o corredor degrau por degrau. Se não era sua casa, poderia não ser. Mas que confusão! Reconhecia, mas tudo ali estava tão desconhecido. Desejava acordar, mas não acordava. Degrau por degrau, tropeçou e quase caiu, tudo tão escuro. Foi apalpando. As mãos nas paredes ásperas. Sentiu texturas indesejáveis, fios de cabelo, calafrios, absurdos. Com a mão, finalmente, sentiu uma maçaneta. Abriu a porta.

Nesse momento, um vento mais forte ainda ameaçou um desabamento. A sua mãe.

Correu até a mãe. Uma luz fraca vinha do banheiro. Celestino queria abraçar a mãe, mas ela dormia, dormia. Passou então as mãos em seu rosto, pois queria lembrar daquele nariz, boca, bochechas. Como amava sua mãe. Celestino passou os dedos pelos fios. Antes eram desenhos de cavalo e lua, agora não encontrava mais nada no cabelo, que estava tão longo. Celestino ia procurando o fim do cabelo, mas percebeu que ele tinha crescido tanto em sua ausência que os fios ultrapassavam a porta de entrada do quarto. Os longos fios saíram do quarto e pela parede iam descendo, pelas escadas iam preenchendo toda a casa. Os fios do cabelo de sua mãe tinham tomado a casa. E engolido a cobra.

Celestino levou as mãos no rosto num susto súbito. Tremia todo o seu corpo.

— Mãe, o que você fez? Mãe, você não devia... — Ele deitou a cabeça no peito da mãe, que continuava dormindo. Estava pálida. Dormia, mas, mesmo dormindo, não desistia.

Celestino entendeu, mas não queria, não podia.

Ava entrou no quarto e ofereceu para Celestino a tesoura que estava em suas mãos.

### 3.1.31

#### Capítulo XXXII

O sol começou a aquecer as ruas da cidade e o velho Celestino sentiu-se orgulhoso por ter trazido seu chapéu. Alguns vizinhos corriam para as ruas para celebrarem o fim da ventania. Como era bom e agradável poder sentir o calorzinho do sol, poder andar sem correr o risco de ser levado pelo vento.

Ava e Celestino se esforçavam para carregar a enorme trança de cabelo que pesava mais de quinhentos quilos. Os vizinhos, aqueles que um dia frequentaram a residência Waka, reconheceram Celestino. Só não sabiam de onde vinha uma trança tão enorme.

— É cabelo de verdade? — perguntava a senhora do prédio em frente.

— É de verdade sim. — disse Ava.

— Da sua mãe? — Outro muito curioso não aguentou ficar calado.

Celestino carregava o cabelo com muito cuidado, mesmo sabendo que uma cobra morava ali dentro. Sabia que os fios de cabelo fortes e brilhantes de sua mãe haviam vencido a malvadeza da cobra.

— É da minha mãe sim, pessoal. E, mesmo doente, ela conseguiu salvar a gente de coisas terríveis, só com o cabelo! — E Celestino começou a contar como as coisas chegaram àquele ponto. — Depois posso até contar com detalhe, mas agora precisamos levar essa trança para a Terra dos Infiéis.

— Oh! — muitos vizinhos se espantaram.

— Só mesmo sua mãe! — disse um.

— E seu pai, sua irmã e até o Jackson estavam o tempo todo lá dentro? Mas que pessoal corajoso!

Pouco a pouco, muitas pessoas estavam ali em volta da trança. Alguns que já eram velhos conhecidos da família Waka. Outros que só conheciam de ouvir falar. Todos estavam surpresos com os bravos acontecimentos: “Mas que família espetacular! Com tanto acontecimento doido e triste, eles persistiram.”

O casal João e Marcos, que sentia muita gratidão pelas refeições saborosas que experimentaram naquela casa, mais o porteiro Inácio colocaram força nos braços para ajudar Celestino e Ava, que carregavam a trança com certa dificuldade. Os outros vizinhos e curiosos passantes abriram um enorme círculo em volta daquele evento. Ajudavam no pensamento, agradecendo a partida da cobra, agradecendo cabelos tão fortes e corajosos.

O caminhão já estava aberto e o velho Celestino, com um grande sorriso, aguardava sua nova carga. Celestino jovem fez carinho no cabelo sem cabeça. Mesmo com cobra dentro, sabia que ali dentro prevalecia sonho bom de mãe.

Lina, Vitória, Clara e Ronaldo faziam movimentos discretos para não assustar aquela gente viva. Cochichavam baixinho sobre os planos que fariam dali para frente. Agora que tinham a memória recuperada e a certeza da continuação das histórias deles com a ajuda de Celestinos pensavam em mil coisas para se fazer. Ronaldo ia finalmente encontrar seus ancestrais da Idade Média, já Vitória ia cuidar de ajudar seu irmãozinho que acabara de nascer, Clara ia viajar para conhecer mortos interessantes e Lina tinha decidido ficar na Terra dos Infiéis durante um tempo. Ela queria ajudar o velho Celestino que estava meio caduco, afinal, tinham uma trança imensa para ajudar, quer dizer, uma cobra. Enquanto a mãe de Celestino estava deitada e sonhava os sonhos mais distantes esperando por sua recuperação, ela percebeu um grande mal invadindo a sua casa e, por isso mesmo, ofereceu, apenas com sentimento, sua boca não dizia nada, os seus cabelos para a cobra, na condição de que ela deixasse todo o resto do mundo em paz. Mas cobra que é cobra mente, por isso ela aceitou a proposta bem boazinha, sem dizer nada, só se mexendo de um lado para o outro. Mas depois tomou os cabelos da mãe com toda sua maldade e carregou para dentro do cabelo muitos homens, inclusive aquele que um dia cultivou a própria cobra dentro da barriga dele.

Ufa.

Cobra é assim: Ela é engolida, depois engole. Assim vai indo sem dó nem piedade. Quando tomou o cabelo da mãe, pensou que disfarçada de sedosos fios iria conquistar todo mundo fazendo atrocidades terríveis, engolindo tudo que estivesse na frente, homem, histórias e memórias tornando todos os homens uns infiéis. Porém, cobra que é cobra é burra. Ela não desconfiava dos sonhos bons que a mãe de Celestino tinha. Os sonhos passavam pelos fios e faziam muita raiva em tudo de ruim que a cobra tinha. Realmente é uma coisa seríssima o que se passou na residência da família Waka. Por isso a ventania danada, muito doido e inacreditável, porém verdade.

Agora que os fios foram cortados por Celestino, que tinha resgatado toda sua lembrança como rapaz vivo do mundo, aqueles fios precisavam de sérios tratamentos. Todos sabiam e Lina mal podia esperar para começar o trabalho de

levar apenas boa memória para cada um dos fios encobrados com a ajuda de velho Celestino.

— E será que essa perversa já estava atrás da mãe quando comprou a casa de Celestino? — perguntou Ronaldo.

— Provavelmente, Celestino estava fraco, e sabe como é... Cobra farejadora... Uma casa num lugar como esse era tudo que a cobra queria...

— Ela queria estender a Terra dos Infiéis até aqui...

— É de dar pena de uma criatura tão terrível assim.

— A mãe de Celestino sabia que alguma coisa a espreitava desde o início, desde o nascimento de Celestino e, por isso, carregava a família para um lado em que todos pudessem estar protegidos.

— Não adiantou. A família teve que passar por tudo isso... — Lamentou Clara.

— Clara, para de pensar que nem viva! Claro que adiantou, Vitória! O pai, a mãe, a irmã, Jackson, todos trabalharam incansavelmente para fazer Celestino entender... Acabou que ajudaram a gente, inclusive o velho Celestino, que precisava entender porque tinha um caminhão cheio de pedras. E estão ajudando — disse Lina.

— Mas e a família dele que desapareceu? A cidade, os avós dele. Maria, esse caminhão é de Maria! — Clara começa a achar esquisito, tantas palavras saíam de sua boca, coisas que ela nem poderia imaginar que sabia. — Pessoal, como tanta memória, que nem é nossa, sai da nossa boca? — pergunta ela em seguida.

— Em primeiro lugar, não temos boca! — disse Ronaldo achando graça de sua própria condição de morto.

Os amigos se olhavam e riam uma alegria serena e tranquila, tinham uma amor grande que espalhava por todos os cantos do mundo. Sentiam tanta paz, conseguiam entender que a história deles era grandiosa, tinha começado há muito tempo, desde que o mundo era mundo, faziam parte de tanta coisa. Agora, podiam saber.

— Se eu estivesse vivo, não acreditaria em nada disso! — comentou Vitória.

O velho Celestino fechava a porta do caminhão enquanto Ava, Celestino e os vizinhos comemoravam tantas coisas alegres: o sol, a trança, o portão da família Waka reaberto depois de tanto tempo.

Celestinos se abraçaram.

### **3.1.32** **Capítulo XXXIII**

As janelas estavam todas abertas e a luz já se aconchegava por todos os cantos da casa. A área externa da casa foi limpa, Celestino começou tirando mato, espinho, teia de aranha. Descobriu plantas que nunca tinha visto, colheu frutos grandes, enormes, e levou para dentro. Infestou-se de moscas, piolhos e aranhas, era preciso limpar e cuidar.

Os vizinhos que ajudaram a carregar a trança se juntaram para ajudar na árdua tarefa de fazer a residência Waka brilhar novamente, por dentro e por fora. Tinham muita admiração pelos Waka. Antes, só estavam interessados em comer de graça, agora participavam da história da família. Era um orgulho muito grande fazer parte de uma vizinhança tão fora do comum onde uma mãe, mesmo em sono profundo, tinha forças para exercer a função de cuidar da família e de todos; um rapaz que descobriu o fim do poço na terra dos infiéis, mas que conseguiu recuperar sua memória e fidelidade com a ajuda de amigos tão especiais, mesmo depois de mortos; um pai que não deixa de passar ensinamentos mesmo que seja pela extensa barba e olhos pequenos. Enfim, entre tantas outras inacreditáveis experiências, os vizinhos não podiam deixar de admirar e de querer participar também da história dos Waka e dos agregados, como Ava, por exemplo.

Ava distribuía as tarefas, “Alguns podem lavar a torre de louça suja, outros cuidam de lavar o cabelo de Letícia que não para de escorrer óleo.”

Celestino varreu e esfregou o chão como a mãe havia ensinado e, enquanto sentia o calor do sol que invadia a vidraça da janela, olhava com leve gratidão o número de pessoas que estavam envolvidas na mesma tarefa. Elas compartilhavam, finalmente, uma mesma história e por isso se ajudavam.

Antes, Celestino era apenas conduzido por uma maré de acontecimentos diários, obrigações, planos para o fim de semana, para uma vida, achava que tudo deveria ser movido a partir dele. Tantas formas e jeitos de enxergar apenas a si próprio. Todas as outras pessoas do mundo não existiam. Só existiam os

desdobramentos dele próprio. Agora, reparava na quantidade de coisas que explodiam dentro de cada um, tanta dor e alegria carregavam em silêncio, tanta incerteza, tanto sonho. Celestino sabia agora que era continuação, vivia por todos, todos viviam por ele e, por isso mesmo, continuaria com fidelidade. Eram fiéis uns aos outros.

Juntaram cacos e estilhaços. Celestino e Ava descobriram o caminho das formigas que Jackson perseguia. Não dava em lugar nenhum. Um enorme caminho que fazia um grande círculo em volta da casa. Enxotaram todas as formigas, os vizinhos ajudaram. Lavaram toda a louça da casa, deixaram os armários abertos e arejados. Guardaram tudo nos armários. Limparam os rastros do gato, varreram pelo espalhado, varreram bola de pelo, varreram poeira, enxotaram toda a sujeira. Tiraram lençóis, lavaram, perfumaram, colocaram no varal. Desafiavam a vida limpando cada sujeira, à medida que desafiavam juntos, sentiam-se mais felizes. Celestino forrou todas as camas com lençol cheirando a alfazema, limpou a barba do pai, aparou, passou pente. Penteou também o cabelo da mãe, que estava curto, lavou o copo que a irmã ainda segurava, colocou Jackson para dentro de casa. Um dia, um vizinho trouxe uma galinha e Celestino adorou a ideia: montou um celeiro. Ovos fresquinhos.

Refizeram a horta, plantaram tomates, cenoura, alface, couve, salsinha, cebolinha, maracujá. Celestino foi na Favela Do Galo, levou fresquinho na casa do Jackson. A mãe chorou de saudade do filho, implorou pelo amor de Deus. Celestino teve que falar a verdade, “Olha, seu filho tem um rabinho agora, será que a senhora se importa?” E aí contou toda a história, das coisas inimagináveis que se sucederam. “Pois é... Parece um absurdo tudo isso.” Celestino tinha deixado a mãe de Jackson sem fala, mas, de tão curiosa que ficou, ela pegou imediatamente a penca de filhos pequenos que estavam no barraco e desceu junto com Celestino para a residência Waka.

Da cozinha saía um perfume indescritível. Quanta gente passando. Carregavam vasos com plantas, outros preparavam a mesa, arrumavam pratos e talheres para prepararem um grande almoço.

No quarto da mãe, Celestino penteava seus cabelos, que cresciam a cada dia meio milímetro. Contava para a mãe a história. A história dele, do Celestino que conheceu. Tanta coisa para contar, e se perdia na contação, “Estou fazendo como você gosta mãe! Está tudo perfumado, arrumado. Ah! E os vizinhos continuam

chegando para o almoço” Ele demorava um pouco com a mãe numa parte do cabelo e, de repente, a chamava de louca, “Como pôde ter a coragem de oferecer seu cabelo para uma cobra?!” E ria o Celestino, abraçava a mãe. Dessa vez não chorou.

Celestino sabia escondido de alguma coisa.

Ava e Celestino cruzavam o olhar. Como aqueles olhos brilhavam. Tanta coisa compartilhavam em silêncio, apenas nos afazeres, experimentavam. Enquanto todos celebravam a volta da residência Waka com todo seu esplendor, muitas coisas iam sendo arrumadas pela brisa suave.

Ava, que um dia tinha fugido para se esconder, foi andar de ônibus, foi dar aula de inglês, foi ser direita e real. Com muita decepção aceitou que aquela Ava fantasiosa de palavras certeiras, aquela Ava do sobrenatural era fictícia. Ava que inventava e acreditava nos seus próprios reinos, ver Celestino zombeteiro era o portal de entrada para o que ela sempre evocara. Fugiu. Ava falsa. Caso contrário teria dado as mãos para Celestino desde o início.

Mas agora, enquanto abria as cortinas, ela, finalmente, deixava de ser personagem clichê e previsível das histórias de cinema. Experimentava e existia enquanto sua mão recolhia os tomates frescos. Não precisava pensar ou dialogar sobre isso.

O sol raiava e Celestino agora vivia para agradecer e fazer brotar essa história sem começo nem fim. Cada dia sendo uma continuidade de algo maior, cada dia único. Cada dia oferecendo surpresas únicas sem passado ou futuro. De vez em quando soltava um suspiro. Tinha seus olhos fixos na paisagem, ao mesmo tempo soltos, como se estivesse percorrendo milhas e milhas de distância sem sair do lugar. E o que estaria pensando Celestino? Até que alguém o chamava, seus olhos voltavam, e retornava Celestino corpulento e vigoroso para a vida que lhe convidava a experimentar. Tinha uma vida inteira para experimentar com aqueles que o cercavam e com aqueles que foram embora, mas que lhe deixaram vestígios e brechas.

No cemitério, caminhava com pequenos arranjos de flores e, diferente de antes, não visualizava apenas lápides de concreto, aquelas construções eram portais que representavam tantas histórias que deveriam ser continuadas na cidade, fora dela, em algum lugar. Cada portal abre, silenciosamente, uma ponte que vai para o infinito do mundo e outra que volta para a existência de cada um.

Nos túmulos dos amigos deixou os arranjos de flores. Com uma fagulha de saudade, sentiu a gratidão expandindo. Ficou pasmado de emoção. Era como observar os cotonetes do banheiro da mãe, era um sem saber de coisas. Celestino não podia dar conta de tudo, mas suspeitava de tanta coisa e, por isso, seguia.

Ganhou as ruas da cidade. Atento e disperso, maravilhado e abismado com as pessoas que passavam, pessoas desconhecidas. Talvez, banais como cotonetes, elas pudessem pensar. Pessoas simples em sua existência, vivendo os dias seguidos. Celestino sorriu, “Mal sabem elas o que carregam”, pensou e pateticamente amou cada uma delas.

A residência da família Waka, embora tivesse sido tomada por acontecimentos tão misteriosos, brilhava como nunca. Poucos sabem o que pais e filhos daquela família tiveram que passar. Uma cobra expulsa, um resgate de jovens mortos e um velho que tinha perdido sua cidade e sua amada.

Celestino sorriu. Ele já sabia que história contaria para sua mãe quando chegasse em casa.

### **3.1.33**

#### **Capítulo I**

É irresistível. É cair na vida de um humano para seguir qualquer caminho. Eles sonham ao mesmo tempo em que limpam vidraças, pensam as estrelas enquanto produzem leite pelos peitos, vivem num corpo, mas viajam através dele pelo tempo. Estou com aquele negócio: o abismado. Eu achava que do abismo era possível absorver um corpo tão pequeno que nem os humanos. Mas usando agora meu humanês, com certa fluência, confesso que naquele corpinho de nada a gente se perde. Obviamente, nada disso seria possível se as palavras não estivessem disponíveis. Elas estão para todos os lados. Aprendi um pouco do uso delas, foi a convivência, confesso igualmente. Aprendi a dar nome, a organizar, ao menos tentei. Essa confusa e lógica humana, essa mania de separar, afinal, as coisas das não coisas. Daí, comecei lá no começo. Isso é um humano, isso é uma pedra, um pensa e o outro não. Qual não foi minha surpresa descobrir pensamento de pedra! É como disse, é cair na vida de um humano para seguir qualquer caminho, caminho de coisa, ou caminho de não coisa mesmo. Caí em Celestino e pronto. Minha análise sobre o humano e o humanês começaram a sumir. Como é que chama? Sim: esquecimento. Como analisar? Junto com Celestino outras vivências

existiam, fui vivendo nelas, experimentando nelas. Até sumi junto. A vida de um estava tão ligada com a vida de outros. Vivos e mortos, velhos e jovens, pessoas que sonham e estão acordadas, meninas que soltam seu pensamento só de colocar um livro nas mãos, cidades distantes e juntas. Como isso pode?! E experimentei. Sim, a história dos seres humanos que conseguem explodir para fora de seus corpos e desse lugar que tem nome e nenhum sobrenome. Entendo o que uns podem dizer a respeito de tudo isso: quanta coisa sem pé nem cabeça (acho essa expressão muito boa para representar o estilo humanês). Posso dizer que o tempo de imersão foi suficiente 1.752.000 horas.

Fui indo pelas horas, como alguns humanos podem dizer. Mesmo que nas horas não se possa ir, fui caindo num e no outro, estive presente e presenciei palavra por palavra. Tudo acontecia.

Quando não era possível registrar certas coisas tão humanas e, por isso, difícilimas de se captar, eu sentava numa rede para ler um bom livro.

Precisei ajustar a análise do jeito que os humanos mais aprovam: início, meio, fim e a resolução de todas as partes. Felizmente, só consegui fazer ordem de capítulos usando algarismos romanos (antigos humanos). Nem o início e nem o fim puderam ser anotados porque não tenho a capacidade de criar como humano, só anotei tudo que passava. O início aconteceu quando não estava presente e o fim acontece agora quando não estou mais lá.

O envolvimento com o objeto de estudo foi inevitável. As emoções conseguiriam me alcançar e junto com Celestino viajei não apenas de caminhão, mas por lugares humanos muito peculiares como ruas, avenidas, banheiros, espaços, livros, espíritos e tudo o mais.

É quase comprovado que em cada corpo humano vivem outros corpos que não tem um parecer bem certo como a conversa, a fala, a invenção, os dedos, o sentir, os ancestrais, o sangue, o cérebro, tudo isso num conjunto que forma a humanidade.

Ah, esses humanos são as coisas mais humanas que podem existir. Estando vivos ou mortos, são humanos. Há sempre alguma coisa por tudo que é humano!

E, mesmo assim, é só pensar um pouco para ver que, palavra, em tudo isso há alguma coisa. Digam o que disserem, mas histórias semelhantes acontecem pelo mundo.